

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão

Naiandra Tuyla de Amorim Lins

**Os novos muçulmanos**  
Histórias de brasileiros que se converteram ao Islã

Orientador  
José Tadeu Arantes

São Paulo

2015

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão

Naiandra Tuyla de Amorim Lins

**Os novos muçulmanos**  
Histórias de brasileiros que se converteram ao Islã

Livro-reportagem apresentado  
como Trabalho de Conclusão de  
Curso para obtenção do título de  
Especialista em Jornalismo  
Internacional pela Pontifícia  
Universidade Católica de São  
Paulo.

Orientador  
José Tadeu Arantes

São Paulo

2015

“O que importa é não permanecer em silêncio. (...) Temos que tomar a palavra e decidir que é moralmente e eticamente depreciable demonizar um povo”

(Dr. Jack Shaheen)

Aos amores da minha vida, Daniel e Danzinho.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 - CONHECENDO O ISLÃ .....	10
<b>Que a paz esteja com ele</b> .....	10
<b>“Recita!”</b> .....	11
<b>A Doutrina Islâmica</b> .....	13
<b>As correntes islâmicas</b> .....	15
<b>O Sufismo</b> .....	17
CAPÍTULO 2 - O ISLÃ NO MUNDO ATUAL.....	19
<b>A arma ideológica</b> .....	21
<b>O Islã e a violência</b> .....	23
CAPÍTULO 3 - O ISLÃ NO BRASIL .....	27
<b>Os novos muçulmanos</b> .....	30
<b>Síndrome de Jade</b> .....	33
CAPÍTULO 4 - ALÉM DAS APARÊNCIAS.....	37
<b>A história de Eddie Fayah e Bia Kehdy</b> .....	37
CAPÍTULO 5 - RECOMEÇO.....	42
<b>A história de Jussara Khadija</b> .....	42
CAPÍTULO 6 - DA TEOLOGIA AO ISLÃ .....	46
<b>A história de João de Deus Cabral</b> .....	46
CAPÍTULO 7 - O ISLÃ NA PERIFERIA.....	49
<b>O som da resistência</b> .....	49
CAPÍTULO 8 - UM SINAL DE LIBERDADE.....	53
<b>Ainda sobre o Islã na periferia</b> .....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

## INTRODUÇÃO

“Há muito mais muçulmanos brasileiros do que eu poderia imaginar”. Foi exatamente o que eu pensei quando cheguei à periferia de Embu das Artes, em uma manhã de sábado. Um grupo de pessoas, cada uma usando um colete amarelo, se destacava em meio ao comércio local. Como todos os sábados, uma das principais ruas é fechada para receber barracas e vendedores de frutas e verduras, o que explicava o grande movimento de moradores da comunidade transitando por ali. A oportunidade perfeita para aquele grupo - que só pelos coletes amarelos já chamava a atenção - se fazer enxergar, apresentar-se, mostrar-se.

Fazia alguns dias após o atentado à redação do jornal francês *Charlie Hebdo*. E, naquela manhã, as pessoas de coletes amarelos distribuíam panfletos, e doavam livros sobre a religião que estava no centro dos debates: o Islã. Os que chegavam para comprar frutas e verduras deixavam a curiosidade falar mais alto e se aproximavam. Folheavam os livros, faziam perguntas, esclareciam dúvidas. Alguns se deixavam levar pela novidade e permaneciam minutos e minutos por ali, debatendo. Outros se limitavam a pequenos gestos com as mãos, como quem diz: “não, não quero”.

Quando decidi pesquisar sobre o Islã, eu estava prestes a terminar um curso de especialização em Jornalismo Internacional na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desde o início das aulas, em 2013, eu desejava escrever um livro-reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso. Sabia que não seria fácil. Mas também não queria apenas cumprir formalidades para a conquista do diploma. Eu sonhava com algo que realmente me desafiasse e me tirasse da zona de conforto em que eu sentia estar. Como há muitos anos trabalho como repórter de televisão, queria ir além do que via nos noticiários. Nas manchetes, nas reportagens. Queria algo novo, um novo olhar, uma nova visão. Queria o outro lado da história. Mas que história?

Sempre gostei de ler sobre o Oriente Médio. Nos noticiários de televisão, as reportagens produzidas naquele ponto do globo sempre foram as que mais chamavam a minha atenção. Eu compreendia pouco, confesso. E sempre achei tudo

muito confuso. Por essa razão, sabia que meu projeto final de curso teria que seguir por esse caminho. Algo que envolvesse o Oriente Médio me traria a curiosidade, a disposição e o desafio necessários para realizar o trabalho. E foi durante uma das aulas do professor José Arbex Junior que o Islã se mostrou pra mim.

A minha opinião até aquele momento havia sido formada com base no senso comum, do que lia e assistia na mídia. Ou seja, eu não tinha uma opinião. Sequer um pensamento. Eu apenas reproduzia conceitos. Pesquisar e escrever um livro-reportagem sobre o assunto me faria ir além da minha bolha, e me revelaria o mundo.

Hoje existem cerca de um bilhão e 700 milhões de muçulmanos no mundo, e o Islamismo figura como a segunda maior religião, atrás apenas do Cristianismo. E no que se refere à essência, o Islã não é muito diferente das demais religiões monoteístas. A natureza do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo, basicamente, é a mesma: a crença em um Deus único e poderoso, e o respeito aos profetas, como Abraão e Moisés. Mas, apesar da história e da quantidade de seguidores, o Islã, em muitos casos, é marcado por generalizações indevidas por parte dos ocidentais. Além disso, por conta das atitudes de extremistas e da visão distorcida que a Europa e as Américas alimentam da religião, o terrorismo ganhou um rosto islâmico.

No entanto, apesar da mistificação e do pré-julgamento em relação ao Islamismo, a conquista de novos adeptos tem sido uma realidade em países sem tradição islâmica. A religião que é maioria no Oriente Médio se espalhou pelos mais variados países e também chegou à vida dos brasileiros. Embora seja a segunda maior religião do mundo, o Islã nunca obteve números significativos no Brasil. No entanto, esse panorama pode estar prestes a mudar.

Naquela manhã de sábado, na periferia de Embu das Artes, o grupo de pessoas que usava os coletes amarelos apenas cumpria mais uma ação de divulgação do Islã, conhecido como Street Dawah. Realizado uma vez por mês em qualquer ponto da cidade de São Paulo, o grupo de muçulmanos brasileiros e idealizador do Street Dawah no país, busca desmistificar a religião, cuja imagem vem durante anos sendo distorcida, na maioria das vezes, pela grande mídia. A ação já foi realizada em pontos

tradicionais da capital paulista, por exemplo, como a Avenida Paulista e o bairro da Liberdade.



Figura 1 - Jovem muçulmano em uma ação de divulgação do Islã

É impossível contabilizar quantas pessoas já passaram pelos estandes do Street Dawah, tirando dúvidas e levando livros e folhetos para suas casas. Mas não há dúvidas de que ações como essas têm contribuído para uma mudança religiosa no Brasil. Nas idas e vindas da vida, e no vai-e-vem apressado das grandes e pequenas cidades, alguns brasileiros têm seu primeiro contato com a mensagem do Islã. E uns tantos também têm decidido segui-la. Ainda que a religião do profeta Muhammad tenha sido apresentada ao Ocidente em forma de risco e ameaça, nunca se falou tanto em Islã como nos dias atuais. E apesar das inúmeras notícias sobre guerra e terrorismo, há uma realidade que a maioria dos brasileiros desconhece, e que merece ser mostrada. É uma tentativa de combatermos visões deturpadas sobre o Islamismo, assim como a xenofobia contra seus seguidores.

O que leva esses brasileiros comuns e sem qualquer ligação com países muçulmanos a trocarem as igrejas pelas mesquitas, e a abandonarem antigos hábitos e costumes para seguir os ensinamentos do Alcorão, é a razão pela qual eu decidi escrever este livro-reportagem. Em geral, aprendemos muito pouco sobre os muçulmanos, sobretudo somos induzidos a construir estereótipos sobre os mesmos,

então, o que tem ocorrido para muitas pessoas seguirem uma religião que não é natural do seu país? E distante da sua cultura?

Em busca de respostas pude conhecer homens e mulheres, jovens e adultos, solteiros e casados, cada um com sua história de fé, e convictos da religião que decidiram seguir.

Nas próximas páginas, você vai conhecer um pouco sobre o Islã, do seu surgimento no Oriente Médio até a chegada ao Brasil, do seu papel no contexto geopolítico atual até as histórias de brasileiros que têm contribuído para o crescimento da religião no país. A ideia é apresentar um novo olhar sobre a religião, desta vez sob a ótica de quem escolheu vivê-la, independente de cultura, de raça, de classe social e de contexto. É apenas um passo em favor da tolerância e do respeito à liberdade de escolhas.

## CAPÍTULO 1 - CONHECENDO O ISLÃ

### Que a paz esteja com ele

Nos últimos anos, sobretudo nos noticiários de televisão, muito se ouviu falar de um profeta chamado Maomé. Em particular, lembro perfeitamente de assistir ao telejornal e ver imagens de muçulmanos revoltados contra mais uma das charges do famoso jornal francês *Charlie Hebdo*. Isso aconteceu há alguns anos. A charge mostrava um profeta no sentido pejorativo, desrespeitoso, uma blasfêmia para os muçulmanos. Mas eu, que assistia àquelas notícias, tentava compreender o porquê de tanta revolta e, de fato, quem realmente fora aquele profeta.

Nascido em Meca por volta de 570 d.C., Maomé<sup>1</sup> ou Muhammad (do árabe “o mais louvado”) é considerado pelos muçulmanos o último profeta enviado por Deus. Órfão de pai e de mãe, foi criado por um tio comerciante, Abu Talib. Certa vez, em uma das viagens que fez com o tio à Síria ainda na adolescência, Muhammad encontrou-se com um eremita cristão chamado Bahira, que reconheceu no jovem o dom da profecia.

O tempo passou e Muhammad tornou-se comerciante, seguindo a tradição familiar. Por ser considerado honesto e firme nos negócios, foi contratado por uma viúva chamada Khadija, que viria a ser sua primeira esposa, apesar de ser 15 anos mais velha. Com Khadija, Muhammad teve seis filhos: dois meninos, que morreram ainda na infância, e quatro meninas. Porém, dentre as quatro garotas, Fátima foi a única sobrevivente.

Em seu livro sobre o Islã<sup>2</sup>, o autor José Tadeu Arantes narra uma descrição feita por Ali – primo, genro e um dos sucessores do profeta: “Muhammad era, em sua maturidade, um homem de estatura mediana, bonito de rosto, com cabelos muito pretos que lhe chegavam aos ombros, barba espessa, sobrancelhas grossas e pestanas longas. Seus grandes olhos negros contrastavam com a pele clara e ressaltavam ainda mais sua aparência contemplativa”.

---

<sup>1</sup> Maomé é a forma aportuguesada de Muhammad.

<sup>2</sup> ARANTES, José Tadeu. *O maior perigo do Islã: não conhecê-lo*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2005.

## “Recita!”

Muhammad costumava meditar sozinho, especialmente em uma caverna isolada no Monte Hira, nos arredores de Meca. Segundo a tradição, em 610 d.C., durante uma dessas meditações o Arcanjo Gabriel apareceu diante dele e disse-lhe: “Recita!”. Muhammad argumentou que não sabia ler e que sequer era um recitador, mas a história conta que o Arcanjo insistiu: “Recita em nome do teu Senhor, que tudo criou. Criou o homem de um coágulo. Recita! Teu Senhor é o mais generoso. Ele, que ensinou com o cálamo, ensinou ao homem o que este não sabia”. Naquele momento, o primeiro versículo do *Alcorão* (do árabe *Al Qur’an*: “a leitura”, a “recitação”) acabara de ser revelado.

Segundo Arantes, Muhammad não compreendeu de imediato a sua experiência. Apesar ter tido vários sonhos misteriosos, e de estar acostumado às meditações, o que havia ocorrido estava fora das suas expectativas. “Muhammad, que a princípio temera, agora ansiava por novas revelações. Depois de provar o manjar espiritual, considerava a vida cotidiana desprovida de sabor. (...) Foi então que recebeu uma nova mensagem. E, dizem os muçulmanos, continuou a recebê-las, em pequenos bocados, até o final da vida” (ARANTES, 2005).

As mensagens que Muhammad recebeu ao longo de anos são consideradas a palavra literal de Deus, em árabe “Allah”, e compõem o *Alcorão*<sup>3</sup>, o livro sagrado para os muçulmanos. O livro revelado por Deus ao profeta, escolhido como seu último mensageiro.

Desta forma, compreende-se que, para os muçulmanos, houve outros mensageiros de Deus antes do profeta Muhammad, como Moisés e Jesus. Ou seja, os muçulmanos acreditam na mensagem transmitida a Moisés e a Jesus, mas eles também acreditam que essa mesma mensagem possa ter sido corrompida por seus seguidores ao longo dos séculos. E, por haver distorção, Deus enviou Sua palavra uma última vez na forma do *Alcorão*.

Durante as entrevistas que fiz com os muçulmanos brasileiros para este livro, era perceptível a certeza com a qual se referiam ao livro sagrado do Islã. Para

---

<sup>3</sup> O *Alcorão* é composto de 114 capítulos, denominados de suratas. Cada surata contém vários versículos. O livro é todo escrito em árabe e, de acordo com especialistas islâmicos, é considerado autêntico pois mantém a mesma edição da época de sua criação (FARAH, 2001).

eles, o *Alcorão* é a pura palavra de Deus, transmitida de forma clara e reta, não havendo espaço para dúvidas.

Essa mesma mensagem pura, transmitida de forma clara e reta, também chamou a atenção de muitos habitantes da cidade de Meca, naquele tempo. A tradição afirma que, inicialmente, Muhammad dividiu as revelações somente com as pessoas mais próximas. Mas logo seu círculo de seguidores cresceu e as reuniões tornaram-se cada vez mais constantes. No entanto, o grupo passou a incomodar os setores dominantes.

Em seu livro *Sobre o Islã. A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo*, Ali Kamel<sup>4</sup> conta que foi uma época difícil para Muhammad e seus primeiros seguidores. Segundo o autor, Meca não aceitou a pregação do profeta contra o politeísmo da região, e a favor da submissão voluntária a um único Deus. “A cidade vivia de seus ídolos, porque era um importante centro de peregrinação”(KAMEL, 2007).

Por conta das perseguições, Meca tornou-se perigosa para Muhammad. O profeta abandonou a cidade e seguiu rumo ao oásis de Yathrib, também na Península Arábica. A fuga, que ficou conhecida como Hégira, marca o início do calendário muçulmano.

Na mesma época, Yathrib passou a ser chamada de Madinat-al-Nabi, que significa a “cidade do profeta”, ou simplesmente Medina (cidade). Nesta mesma cidade também foi construída a primeira mesquita, local onde está localizado o túmulo de Muhammad.

Em Medina, a comunidade muçulmana cresceu e se fortaleceu. De acordo com Arantes, a cidade colocou-se sob a direção do Profeta, que além de líder espiritual tornou-se um chefe político e militar. Após oito anos de guerra, Muhammad decidiu retornar para a cidade de onde havia sido expulso. Reuniu um exército de dez mil homens e seguiu rumo à conquista de Meca, que se rendeu sem que houvesse uma batalha.

---

<sup>4</sup> KAMEL, Ali. *Sobre o Islã. A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

Segundo a narrativa de Paulo Daniel Farah<sup>5</sup>, no livro *O Islã*, “a nova religião passou a crescer e contar com mais adeptos, em detrimento do antigo panteão, composto de pelo menos 360 ídolos. As imagens das divindades que decoravam a Caaba<sup>6</sup> foram destruídas”(FARAH, 2001).

Quando Muhammad faleceu, em 632, a Arábia estava unificada. “Em pouquíssimos anos, o Império Islâmico se estendia de sua Arábia natal ao sul da Espanha, em uma expansão poucas vezes vista antes”(KAMEL, 2007).

Arantes diz ainda que um século após a morte de Muhammad, o território muçulmano estendia-se da Península Ibérica às fronteiras da China.

Ao voltarmos no tempo para buscarmos respostas na História, percebemos a importância de Muhammad para os muçulmanos. Suas atitudes e sua postura sempre são tidas como modelo de vida, um guia para os seguidores da religião. Tanto que além do *Alcorão*, o livro sagrado para os muçulmanos, outra fonte islâmica é o *Hadith*, que reúnem ditos e ações do profeta. “Os muçulmanos recorrem aos *Hadith* quando não veem no *Alcorão* uma instrução específica sobre como agir diante de uma situação”(FARAH, 2001).

O respeito, a admiração e a reverência também podem ser percebidos ao longo de uma simples conversa com um muçulmano. Não à toa, uma frase sempre é dita, e surge logo após ouvirmos o nome do profeta: “que a paz esteja com ele”.

## **A Doutrina Islâmica**

O Islamismo surgiu depois do Judaísmo e do Cristianismo, sendo a mais jovem das três religiões monoteístas, ou seja, que acreditam no Deus único e consideram Abraão o seu patriarca. A palavra “Islamismo” vem de “Islã”, ou “*Islam*”, que significa “submissão a Deus”.

Os muçulmanos acreditam em um Deus único, Allah, em árabe, o que significa dizer que é o mesmo Deus dos judeus e dos cristãos. O Islã tem muitas afinidades com as demais religiões monoteístas, principalmente com o Cristianismo. A

---

<sup>5</sup> FARAH, Paulo Daniel. *O Islã*. São Paulo: Publifolha, 2001.

<sup>6</sup> A Caaba é uma grande construção cúbica, considerada o lugar mais sagrado do Islã. A tradição islâmica conta que, quando Muhammad destruiu as imagens que ficavam na Caaba e defendeu a existência de Deus único, Allah poupou o local e o tornou um lugar de fé e de peregrinação. Wikipedia, Caaba. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caaba> > Acesso em: 3 de março de 2015.

diferença é que os muçulmanos não acreditam em Jesus como Deus, mas como profeta, assim como Abraão, Moisés e Muhammad. Para o Islã, crer na divindade de Jesus e no dogma cristão da Santíssima Trindade seria uma forma de politeísmo. No entanto, os muçulmanos dão extrema importância ao papel de Jesus, a quem consideram o maior exemplo de santidade. No *Alcorão*, por exemplo, há mais citações a seu respeito que ao próprio Muhammad.

O Islamismo baseia-se em cinco pilares de fé. São eles:

1. A declaração de fé (*Shahadah*): é a afirmação fundamental do Islã. Afirma que não há nenhum outro deus além de Allah e que Muhammad é seu mensageiro. Segundo a doutrina islâmica, a pessoa que disser por três vezes a *Shahadah*, com sinceridade, e na frente de testemunhas, pode ser considerada muçulmana.
2. A oração (*salat*): os muçulmanos devem ter compromisso com as cinco orações, consideradas as atividades mais importantes do dia, e fundamentais para um relacionamento com Allah. Antes de cada uma delas, o muçulmano deve purificar-se e realizar um ritual em que lava as mãos, os pés, a boca e o nariz, por exemplo. Depois de limpo, o muçulmano inicia a oração, em árabe, e sempre voltado para Meca, a cidade sagrada do Islã. Os muçulmanos, geralmente, costumam reunir-se para rezar nas mesquitas, mas isso nem sempre é possível. O mais curioso é vê-los, literalmente, parar tudo o que estão fazendo para orar. Eu mesma presenciei várias vezes esse momento durante as entrevistas.
3. A caridade (*zakat*): o terceiro princípio do Islamismo é a caridade, uma doação para beneficiar os mais pobres. A taxa estabelecida é de 2,5% ao ano e, para os muçulmanos, o *zakat* não só contribui para minimizar a desigualdade social, mas, sobretudo, tem grande valor espiritual. De acordo com Arantes, a caridade lembra ao indivíduo que toda riqueza

vem de Deus e a Ele retorna. “Se a Vontade Divina determinou que desempenhássemos no drama da vida o papel de ricos, é nosso dever ajudar aqueles que foram escolhidos para representar o papel de pobres”(ARANTES, 2005).

4. O jejum (*sawm*): todo muçulmano deve jejuar no mês de Ramadã, ou *Ramadan*, o nono mês do calendário lunar islâmico. Neste período do ano, o consumo de alimentos e bebidas, e também as relações sexuais, são proibidos do nascer até o por do sol. Segundo a tradição islâmica, o mês do Ramadã é um momento de reflexão, usado para a purificação espiritual do muçulmano.
5. A peregrinação (*Hajj*): o quinto e último princípio da religião é a peregrinação à Meca, a cidade sagrada do Islã, situada na Arábia Saudita. Todo muçulmano com condições físicas e financeiras deve realizar, ao menos uma vez na vida, uma viagem à cidade sagrada. O foco é a Caaba, a estrutura preta em forma de cubo, situada no centro da Grande Mesquita de Meca. Na Caaba ficavam as diversas divindades, que foram destruídas por Muhammad durante a conquista de Meca, como prova de devoção a um Deus único, Allah.

Além dos cinco pilares de fé e de seguir os ensinamentos deixados pelo Profeta, os muçulmanos também não devem, por toda a vida, consumir carne de porco e bebidas alcoólicas.

### **As correntes islâmicas**

Quando Muhammad faleceu em Medina, em 632, houve inúmeras divergências quanto ao seu sucessor. Como os filhos homens do profeta morreram ainda na infância, a comunidade muçulmana ficou dividida sobre quem deveria assumir a liderança. De um lado, um grupo maior de seguidores defendia que Abu

Bakr, amigo e discípulo do profeta que o acompanhou na Hégira, deveria ser o eleito. Além disso, Abu Bakr já tinha sido encarregado por Muhammad de seguir com as orações em seu lugar, e era o pai de Aisha, a esposa favorita do profeta.

No entanto, uma minoria de seguidores discordava da nomeação de Abu Bakr, e defendia que Ali, o primo e segundo discípulo de Muhammad, era quem deveria ser o primeiro califa. Para esse grupo, a linha sucessória devia ser formada por familiares próximos do profeta. “A disputa não envolvia apenas a liderança espiritual. Havia também poderosos interesses políticos em jogo”, afirma Arantes (ARANTES, 2005).

Apesar dos conflitos, Abu Bakr acabou sendo eleito para guiar os muçulmanos numa época em que o Islã já havia se expandido por toda a Arábia. O califa, que significa sucessor, permaneceu no comando por dois anos e, antes de morrer, nomeou Umar ibn al Khattab como segundo califa.

Os quatro primeiros califas ou sucessores de Muhammad, com as datas em que exercem o cargo, foram:

1. Abu Bakr (632 – 634), pai de Aisha, a esposa favorita;
2. Umar ibn al-Khattab (634 – 644), pai de Hafsa, outra esposa do profeta;
3. Uthman ibn Affan (644 – 656), pertencente ao clã Omíada, um dos mais poderosos de Meca;
4. Ali ibn Abu Talib (656 – 661), o primo, genro e segundo discípulo do profeta.

Com a morte de Ali, encerrou-se o ciclo dos “quatro califas corretamente guiados”, conforme o denomina a tradição muçulmana. Depois da morte de Muawiya, o quinto califa, seu filho Yazid, fez matar os dois filhos de Ali, Hassan e Hussein, e apossou-se do califado. Com o assassinato de Hussein, a população muçulmana dividiu-se definitivamente. A maioria, chamada de “sunita” (palavra derivada de *Sunna*, que designa aquilo que o profeta disse ou fez), aceitou a dinastia dos omeidas ou omíadas, iniciada por Muawiya. A minoria, chamada de “xiita” (palavra derivada de

*shiat Ali*, “partidários de Ali”), formou uma comunidade à parte, e continuou atribuindo aos seus dirigentes uma liderança tanto política quanto religiosa.

Os sunitas são maioria até hoje, e correspondem a 85% dos muçulmanos no mundo. A Arábia Saudita, a Indonésia, a Síria e o Egito, são exemplos de países com maioria da população sunita. Já o Irã, o Iraque e o Líbano são majoritariamente xiitas.

## O Sufismo

O sufismo é a mística muçulmana, e não é considerada uma divisão, mas sim um conhecimento dentro do Islã. Segundo estudiosos, o próprio profeta Muhammad é considerado o primeiro adepto do sufismo devido à sua busca e estreita relação com Deus. A origem da palavra sufismo até hoje é incerta. Alguns dizem que ela nasceu do termo *suf*, que significa “lã” em árabe, devido aos trajes de lã usados pelos místicos muçulmanos. Outros, que ela surgiu do termo *safa*, “pureza” em árabe, por conta da busca pela pureza original da religião.

“Tudo na existência tem o aspecto externo e o aspecto interno. E, na religião, isso não é diferente”, afirma o representante da Ordem Jerrahi no Brasil, Sheikh Muhammad Ragip<sup>7</sup>, que começou a estudar o sufismo ainda na década de 1980. “Fui para a Turquia onde conheci uma Ordem Sufi. Então, eu e um grupo de amigos começamos a participar das práticas. Lá, eu tive uma experiência marcante, muito íntima mesmo, em que fui levado a outro estado de consciência”, conta.

Os adeptos do sufismo buscam o conhecimento interior, além de uma estreita relação com Deus, sem intermediários. Para isso, praticam o *dhikr*, a chamada “invocação de Deus”. A invocação pode ser acompanhada de um controle sobre a respiração, de ritmados movimentos de cabeça, recitação musical, orações e leitura do Alcorão.

Para os sufis, somente Deus é real e deve-se negar o próprio ‘eu’ para ter uma experiência com Ele. “Todas as nossas práticas devocionais são baseadas na tradição do profeta. Nada foi inventado do ar. Nós temos a reflexão, a contemplação

---

<sup>7</sup> Depoimento à autora.

de Deus. Na época do profeta, havia um grupo mais ligado à espiritualidade. Existiam os místicos que eram desprendidos das questões materiais e faziam práticas espirituais extras. Esses foram os alicerces do sufismo. A busca pela pureza, o desprendimento material e a vida espiritual”, explica o Sheikh Ragip.

Na Ordem Jerrahi no Brasil, as reuniões sufis ocorrem duas vezes por semana e duram cerca de quatro horas. Uma delas somente para os integrantes da Ordem, e outra, realizada aos domingos, para quem tem interesse em conhecer e participar. Os encontros recebem de 12 a 20 pessoas, números considerados modestos para o Sheikh. “O próprio Islã tem uma divergência de opinião com os sufis. Boa parte dos muçulmanos que vive aqui no Brasil, por exemplo, não aceita o sufismo por acreditar que nossas práticas não são corretas. A maioria da comunidade islâmica no país tem uma formação muito rigorosa e ortodoxa, e enxerga o sufismo como inovação”.

Isso explica um dado curioso do sufismo no Brasil. A maioria dos adeptos conheceu primeiro a mística, e somente depois chegou ao Islã. O próprio Sheikh Ragip teve seu primeiro contato com a religião por meio do sufismo. Segundo ele, sempre existem aqueles que buscam um sentido, e querem, acima de tudo, mergulhar no seu mundo interno e conhecer suas mais profundas intenções e motivações. “O conhecimento humano está evoluindo e as estruturas humanas se modificando. E a própria forma de apresentar a religião tem que se adaptar aos novos tempos. Isso explica a resistência por parte de muitos muçulmanos. Mas a pessoa que busca o sufismo quer mesmo é crescimento espiritual”, finaliza.

## CAPÍTULO 2 - O ISLÃ NO MUNDO ATUAL

Quando decidi escrever um livro-reportagem sobre Islã, alguns amigos me questionaram. Por que dedicar tanto tempo à pesquisa de uma religião de terroristas? De fato, ainda que o acesso à informação esteja mais fácil nos dias atuais, é compreensível que muitas pessoas ainda pensem assim.

No dia 11 de setembro de 2001, o mundo testemunhou o ataque ao World Trade Center, em Nova York, nos Estados Unidos. Naquela manhã, dezenove sequestradores que faziam parte da organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda, assumiram o controle de quatro aviões e dois deles foram lançados contra as duas torres gêmeas. A rede de televisão americana CNN transmitiu tudo ao vivo, e à medida que acompanhávamos aquelas imagens, a realidade tornava-se mais clara: era um atentado terrorista. Os olhos da população mundial estavam voltados para os ataques, mas, conseqüentemente, para os muçulmanos. “Os atentados provocaram a morte de aproximadamente 3.700 pessoas e reforçaram o cerco de preconceitos e mal-entendidos em torno da segunda maior religião do mundo: o Islã”, afirma Farah (2001).

Apesar dos países muçulmanos e seus líderes condenarem o ataque terrorista, o mundo ocidental se acostumou a enxergar o Islã e seus seguidores de forma deturpada. De acordo com a professora de História Árabe da Universidade de São Paulo, Arlene Clemesha, são generalizações indevidas que existem há muito tempo. “É uma coisa de longo prazo. Vem desde o século 19, se não antes. No século 19 os estereótipos surgiram através de obras literárias, pinturas, enfim, expressões artísticas variadas que acompanharam a dominação colonialista de regiões árabes e islâmicas. Mas acompanharam no sentido de preparar ideologicamente a dominação”, revela<sup>8</sup>.

A formação de ideias, de opiniões, de conceitos e de preconceitos sobre os povos árabes e islâmicos Edward Said analisa em seu livro *Orientalismo – o Oriente*

---

<sup>8</sup> Depoimento à autora.

*como invenção do Ocidente*<sup>9</sup>. Segundo o autor, as civilizações a leste da Europa são vistas sob a imagem do exótico e da inferioridade, calculadamente produzida a fim de interesses de dominação europeia. “Foi o orientalismo que construiu os consensos que permitem e legitimam as atrocidades americanas no Oriente Médio” (SAID, 2007).

Mas para compreendermos o conceito de Orientalismo e a visão que muitos têm sobre o árabe, o Islã e seus seguidores, precisamos voltar, pelo menos, ao Século XIX.

O território que hoje conhecemos como Oriente Médio fazia parte do Império Otomano. A região não era constituída por países, mas por várias províncias autônomas, com governantes escolhidos por um sultão turco. No entanto, o domínio turco nunca foi aceito pacificamente pelos povos árabes, provocando uma série de conflitos. “Durante a Primeira Grande Guerra, os turcos se aliaram aos alemães, e, claro, os líderes árabes em troca de promessas de autonomia, acabaram por apoiar os britânicos. (...) Com a derrota dos alemães, o Império Turco desmoronou-se. Mas a prometida autonomia demorou a chegar. As razões para isso são as mesmas que ainda hoje são ouvidas de alguns analistas: os árabes são atrasados e estão longe de um nível satisfatório de civilização”, discorre Ali Kamel<sup>10</sup>.

Após o Pacto da Liga das Nações de 1919, França e Grã-Bretanha, duas potências europeias, receberam a “tutela” do Oriente Médio e deram início ao domínio e à influência sobre os povos “atrasados” da região. “As novas administrações ignoraram as particularidades regionais e impuseram um controle rígido aos nativos. Os árabes, que haviam ajudado os europeus a combater os otomanos e recebido a promessa de independência durante a guerra, sentiram-se traídos”, afirma Farah<sup>11</sup>.

Para Arlene Clemesha, até hoje enxergamos resquícios desse orientalismo clássico. “Há ainda outras deturpações e estereótipos que também servem interesses de dominação. Não são mais do colonialismo do Século XIX, mas você tem a ideia do islâmico e do árabe como violento, quase uma identificação automática com o

---

<sup>9</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg São Paulo: Cia das Letras, 2007.

<sup>10</sup> KAMEL, Ali. *Sobre o Islã. A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

<sup>11</sup> FARAH, Paulo Daniel. *O Islã*. São Paulo: Publifolha, 2001.

terrorista”, explica a professora, que também reforça o papel da mídia na abordagem de estereótipos. “Quando a mídia usa esse tipo de visão, de conceito e de imagem, é porque nas academias existem intelectuais que estão por trás dessa formulação. Não é que a mídia seja perversa. Ela apenas reproduz algo que está sendo produzido nas universidades, nos governos. É um processo de formação de algo que está no contexto político, e no contexto de diferentes formas de incursão e de dominação de terras árabes. E não porque é árabe. Mas porque é produtor de petróleo, ou seja, estrategicamente importante”, afirma.

### **A arma ideológica**

“Os árabes são o grupo mais caluniado na história de Hollywood”. A declaração do Dr. Jack Shaheen dá início ao documentário lançado em 2007 nos Estados Unidos, e baseado em seu livro homônimo. O documentário aborda de maneira clara, sensível e sensata como, ao longo de décadas, o cinema americano tem retratado o povo árabe. Shaheen defende que na maioria dos filmes americanos, os árabes são apresentados como terroristas, vilões, homens-bomba, cruéis, machistas, ignorantes, autoritários e, até mesmo, bobos ou fanáticos por mulheres americanas. A série de estereótipos se estende aos muçulmanos, seguidores da religião predominante no Oriente Médio.

O *“Reel Bad Arabs: How Hollywood vilifies a people”*<sup>12</sup>, tradução “Filmes Ruins, Árabes Malvados: como Hollywood vilificou um povo” vai fundo ao mostrar o preconceito embutido em algumas superproduções que vão desde o desenho animado às grandes bilheterias do cinema mundial. Jack Shaheen cita, por exemplo, o verso “os árabes cortam a sua orelha se não gostarem do seu rosto”, presente na canção de abertura do filme *Aladin*, da Disney (1992), assistido até hoje por crianças no mundo inteiro. Tudo poderia ser visto como coincidência ou apenas ficção, mas o verso mostra claramente como os Estados Unidos trabalham para construir uma imagem falsa do povo árabe, tornando-a senso comum entre os mais diversos países.

---

<sup>12</sup> SUT, Jhally. *Reel Bad Arabs: How Hollywood vilifies a people*. Media Education Foundation, 2006. DVD. 50min

Os Estados Unidos têm o cinema como sua maior arma ideológica, não havendo forma de comunicação mais poderosa. No documentário, Jack Shaheen conta que para escrever o livro *“Reel Bad Arabs: How Hollywood vilifies a people”*, teve que assistir a mais de mil filmes, desde os primeiros até os mais atuais produzidos por Hollywood. Segundo ele, 25% deles têm o objetivo de rebaixar os árabes e contar mentiras para reforçar um estereótipo perigoso que tem roubado a humanidade de um povo.

Para exemplificar, o documentário passeia sobre os mais diversos roteiros e apresenta uma lista de filmes americanos como *“True Lies”* (1994), *“Jewel of the Nile”* (1985) e *“Protocol”* (1984), que retratam os árabes como vilões. E, ainda que os norte-americanos surjam como assassinos desses árabes, a barbárie é justificada, pois as supostas vítimas nada mais são que “subumanas”, “inferiores” ou “terroristas”.

A política e o cinema estão diretamente relacionados, de acordo com o Dr. Jack Shaheen. Ele explica que a imagem dos árabes começou a mudar principalmente após a Segunda Guerra Mundial, sendo que três fatores impactaram tal mudança: o conflito entre palestinos e israelenses, pois os EUA declararam apoio a Israel; o embargo árabe do petróleo nos anos 70; e a Revolução Iraniana, em que estudantes iranianos fizeram reféns diplomatas americanos por mais de um ano. Esses três fatores puseram o Oriente Médio na mira dos EUA, tanto que passaram a ser retratados como uma espécie de ameaça e perigo à economia americana.

O autor Paulo Daniel Farah cita em *O Islã*, o discurso maniqueísta do então presidente George W. Bush, que à época dos ataques ao World Trade Center anunciou uma “luta do bem contra o mal”. Segundo Farah (2001), “nos Estados Unidos, estrangeiros confundidos com muçulmanos foram assassinados porque tinham feições árabes ou usavam um turbante. (...) Vinte e cinco dias após os atentados, o Conselho de Relações Americano-Islâmicas já registrava 1.500 atos de hostilidade contra muçulmanos”. Conclui-se que, para endossar o coro, demonizar um povo, uma religião e justificar a guerra, Hollywood também entrou em ação como prova de que nos Estados Unidos, cinema e política estão realmente entrelaçados.

Ainda segundo Jack Shaheen no documentário “Filmes Ruins, Árabes Malvados”, a maneira como os palestinos são retratados no cinema também é outro sinal de manipulação da política norte-americana. Após a criação do Estado de Israel, em 1948, os Estados Unidos declararam apoio aos israelenses no conflito, portanto, os mesmos são sempre apresentados como vítimas, enquanto os palestinos como o povo mau e terrorista. Shaheen afirma que grande parte dos filmes é feita em parceria com o Ministério da Defesa e, portanto, particularmente entre os anos 1980 e 1990, pelo menos 30 filmes foram produzidos para retratar os palestinos como um povo decidido a atacar os estadunidenses. Em contrapartida, não há filmes que mostram os palestinos inocentes, mortos, como um povo que sofre com a ocupação ou em campos de refugiados. Para Shaheen, muitos de nós ainda preferimos acreditar na mitologia que fora construída até aqui. “Está na nossa psique e faz parte dos aspectos de nossa cultura, porque estereótipos construídos ao longo de anos também demoram muito tempo para desaparecer”, conclui.

“Nos filmes e na televisão, o árabe é associado com libidinagem ou com desonestidade sanguinária. (...) Nos documentários e nos noticiários, o árabe é sempre mostrado em grandes números. Nada de individualidade, nem de características ou experiências pessoais. A maioria das imagens representa fúria e desgraça das massas, ou gestos irracionais (por isso, irremediavelmente excêntricos). Espreitando por trás de todas essas imagens está a ameaça da jihad. Consequência: o medo de que os muçulmanos (ou árabes) tomem conta do mundo” (SAID, 2007).

## **O Islã e a violência**

No dia 7 janeiro de 2015, extremistas islâmicos invadiram a redação do jornal satírico francês *Charlie Hebdo* e promoveram um massacre como forma de protesto e revolta contra as charges que retratavam de forma desrespeitosa o profeta Muhammad. Doze pessoas foram mortas, entre elas Georges Wolinsky, veterano cartunista do jornal. O ataque à sede do *Charlie Hebdo* trouxe à discussão temas como a xenofobia, a intolerância religiosa, e principalmente o terrorismo.

Não é de hoje que o Islã é considerado uma religião violenta, e a ação de grupos extremistas minoritários endossa essa visão, como no episódio do ataque ao jornal. Porém, a única relação da religião com os atentados limita-se à leitura deturpada do *Alcorão* utilizada para legitimar práticas terroristas.

Além de execuções em massa, sequestros e explosão de bombas, imagens de decapitação rodaram pelo mundo em 2014. O Estado Islâmico<sup>13</sup>, um grupo sunita radical que surgiu contra o governo sírio de Bashar al-Assad, é uma das organizações terroristas mais conhecidas e temidas nos dias atuais. O EI, que também age no Iraque, ficou conhecido mundialmente após divulgar vídeos em que mostrava execuções brutais. O mais recente até a finalização deste livro, divulgado pelo grupo em julho de 2015, mostra cinco homens dentro de uma gaiola, sendo afogados em uma piscina.

As imagens da barbárie chocam e revoltam, obviamente. Mas a população ocidental, em sua maioria, tende a enxergar tais ações como costumeiras no mundo islâmico e a concluir que o Islã é violento. “A interpretação do *Alcorão* é variada e isso acaba causando distorções. Toda uma civilização foi construída com base numa interpretação correta. Mas hoje, muitas pessoas têm uma visão errada da religião por conta da atitude de pessoas que distorcem a mensagem do livro sagrado”, diz o Sheikh Muhammad Ragip.

Para Ali Kamel, interpretações variadas de livros sagrados não são exclusivas à religião do profeta Muhammad. Segundo ele, a mesma confusão entre a mensagem religiosa e sua história concreta é comum a todas as religiões.

“Isso sem falar na Inquisição e nas guerras que muitos patrocinaram ao longo dos séculos em nome do Cristianismo. E ninguém pode negar que a mensagem de Jesus Cristo, e mesmo a atuação de sua Igreja no mundo na maior parte da sua história, foi sempre a pregação da paz e do amor ao próximo. O mesmo se dá em relação ao Islã, uma religião que prega a paz, a caridade e o amor a Deus. E que faz de milhões e milhões de muçulmanos em todo o mundo seres pacíficos e ordeiros” (KAMEL, 2007).

---

<sup>13</sup> Cogita-se o envolvimento de jovens brasileiros com terroristas do Estado Islâmico. Porém, tanto a Polícia Federal em Brasília quanto o Ministério das Relações Exteriores, ao serem procurados para colaborar com esta pesquisa, não quiseram dar declarações sobre esse assunto.

Por sempre buscar compreender o que está por trás da barbárie, Sheik Ragip<sup>14</sup> acredita que determinados contextos explicam, em alguns casos, a interpretação equivocada por parte de grupos extremistas e fundamentalistas. “A civilização islâmica foi construída com base nessa visão harmoniosa e respeitadora de direitos. Mas o colonialismo criou distorções, gerou ignorância, destruiu estruturas e criou uma grande massa de indivíduos que já nasceram sendo bombardeados. Essa grande massa foi educada em clima de violência, e não teve uma estrutura religiosa que ensinasse o que, de fato, é o Islã. A única coisa que eles têm de sólido é o ódio contra o inimigo, o invasor. Ou seja, existe o verniz da religião, mas os indivíduos pegam o Alcorão, extraem o que lhes convém e fazem barbaridades”, afirma.

O cenário traçado por Sheikh Ragip pode ser atribuído perfeitamente aos conflitos recentes na região da faixa de Gaza, palco do impasse entre palestinos e judeus. O embate israelense-palestino é considerado o de maior relevância nos dias atuais. Com a criação do Estado de Israel, em 1948, milhares de palestinos foram expulsos do território, e tiveram suas casas destruídas. “Os palestinos exigem a devolução dos territórios ocupados, o controle sobre os recursos hídricos e o espaço aéreo da região que vier a formar a nova Palestina”, afirma Farah (2001).

A falta de ações e diálogos no sentido de beneficiar e devolver o território à Palestina, fez nascer grupos extremistas, como o Hamas. A organização - cuja maioria de integrantes é proveniente de campos de refugiados - já realizou diversos atentados contra israelenses, e vice-versa.

O que podemos concluir é que, de fato, não há razão para interpretar o Islã apenas sob uma única perspectiva. Até para falar de radicalismo islâmico, é preciso avaliar os mais diversos contextos. “Estados falidos, intervenções, regimes autoritários reprimindo a vontade da população de transformação democrática, fragmentação do tecido social. Tudo isso pode explicar que o terreno seja propício para o desenvolvimento de grupos como o Estado Islâmico, por exemplo. O terrorismo em si já é uma definição um pouco complexa, mas ele pode ser usado para meios

---

<sup>14</sup> Depoimento à autora.

progressivos, como na libertação da Argélia, ou retrógrados, como na Nigéria, com o Boko Haram”, ressalta Arlene Clemesha.

E assim como não é possível – e justo - generalizar o Islã com base nas ações de grupos minoritários, também não há como classificá-lo apenas em um contexto político, geopolítico, social e cultural. Primeiramente, para compreendermos a religião, será preciso abrir mão de conceitos para lançar novos olhares. “O Islã não é um só. Existem, pelo menos, 50 países islâmicos e cada um tem um interesse político e geopolítico, regional e mundial diferente um do outro. As realidades muçulmanas, islâmicas são muito distintas. Não existe o Islã”, afirma Clemesha.

### **CAPÍTULO 3 - O ISLÃ NO BRASIL**

Quando decidi escrever sobre o Islamismo no Brasil, a ideia original baseava-se em mergulhar nas tradições, costumes e dia-a-dia da comunidade muçulmana no país. De início, eu acreditava que os muçulmanos que aqui moravam eram todos descendentes de árabes, ou tinham, ao menos, alguma ligação com países muçulmanos. Ledo engano meu.

O último Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizado em 2010, apontou um aumento de 29% da população muçulmana nos últimos dez anos. Isto é, a comunidade passou de quase 28 mil para pouco mais de 35 mil pessoas.

No entanto, não existe ainda um consenso em relação a esses números, pois as instituições islâmicas defendem que a comunidade seja muito maior. De acordo com a Federação das Associações Muçulmanas do Brasil (FAMBRAS), por exemplo, há pelo menos 1,5 milhão de muçulmanos vivendo, hoje, em terras brasileiras<sup>15</sup>.

Esta diferença elevada entre os dados do IBGE e das Instituições Islâmicas chama a atenção, mas de acordo com estudiosos, ela pode ser explicada pela recente chegada de imigrantes originários de zonas de conflito no Oriente Médio. Também há de considerarmos o crescimento no número de conversões no país.

Apesar da expansão do Islamismo ser considerada uma realidade, ainda não há um levantamento atual e preciso por parte das instituições islâmicas sobre o número de novos muçulmanos, o que dificulta o trabalho de mapeamento da religião. Em seu artigo sobre o Islã no país, Marques (2011) afirma que “embora se apresente como uma perspectiva importante no universo islâmico brasileiro, dada a sua difusão, o fenômeno ainda conta com dados incipientes no campo das conversões”<sup>16</sup>.

De acordo com a Sociedade Beneficente Muçulmana, estima-se que há 50 mesquitas no país, além de mais de 80 centros islâmicos, um número cada vez mais crescente. Mas o olhar sobre a expansão islâmica no Brasil recai mesmo sobre os sheiks brasileiros. Há dez anos, havia apenas três. Hoje, existem pelo menos 10.

---

<sup>15</sup> Segundo Paulo Daniel Farah (2001), a maior concentração de muçulmanos está nos estados do Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (principalmente na região do ABC Paulista).

<sup>16</sup> MARQUES, Vera Lúcia Maia. Os muçulmanos no Brasil. 2011. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/777>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

“O Islã é bem crescente. Em janeiro de 2015, eu soube de 32 revertidos. Só no período do carnaval, sete pessoas optaram pela religião, sendo quatro delas no Rio de Janeiro. Não é um dado oficial, as mesquitas não computam<sup>17</sup>. Mas tenho uma rede de fontes que me leva a definir esses números”, afirma a Profa. Dra. Francirosy Barbosa<sup>18</sup>, professora de antropologia do Departamento de Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora da religião há 18 anos, Barbosa acredita que o Islamismo está mais acessível, e o uso do português nas mesquitas é um indicativo.

Embora as mesquitas não contabilizem o número de fiéis brasileiros, Barbosa garante que ele teve um aumento bastante significativo nas últimas duas décadas. “Quando iniciei a minha pesquisa sobre o Islã, na Mesquita do Pari, a que mais abriga brasileiros, havia em média 50 muçulmanos. Hoje ela recebe pelo menos 600 pessoas, isso em um único dia. As aulas de Crença Islâmica, que são realizadas aos sábados, contavam com 15 pessoas no máximo, a maioria composta por árabes ou descendentes. Hoje, as mesmas aulas recebem pelo menos 50, sendo a maior parte formada por brasileiros. Ou seja, temos um crescimento de mais de 100% só na Mesquita do Pari, mas as conversões estão ocorrendo em todas mesquitas espalhadas pelo Brasil. Infelizmente, ainda não temos dados oficiais, mas esses números apontam para um aumento considerável”.

Na Mesquita Brasil, a primeira mesquita da América Latina, inaugurada em 1956 na cidade de São Paulo, pelo menos dois brasileiros se convertem, por semana, ao Islã, segundo a assessoria de imprensa do local. “Percebemos o aumento no número de frequentadores na Mesquita, tanto que, no último ano, não houve uma semana sem que recebêssemos brasileiros dispostos a se converter. Toda semana, duas ou três pessoas chegam até nós e decidem seguir o Islã”, informa a porta-voz da Mesquita Brasil, Carla Pinho.

Conforme já citado, as instituições islâmicas defendem que existam no Brasil cerca de 1,5 milhão de muçulmanos, entre convertidos e árabes. Se consider essa quantidade significa dizer que há mais muçulmanos do que judeus, por exemplo, vivendo no país. Segundo o último Censo do IBGE, há cerca de 107 mil seguidores da

---

<sup>17</sup> Conforme apuração da autora, as mesquitas ainda não registram o número de novos convertidos. Para a religião, a quantidade de fiéis não importa, mas sim a sinceridade no coração e nas atitudes.

<sup>18</sup> Depoimento à autora.

religião judaica em terras brasileiras. Conforme mostrado no gráfico a seguir, a quantidade de muçulmanos também seria superior ao número de testemunhas de Jeová, umbandistas e budistas. Só perderia para espíritas, evangélicos e, obviamente, católicos, que são maioria no país<sup>19</sup>.

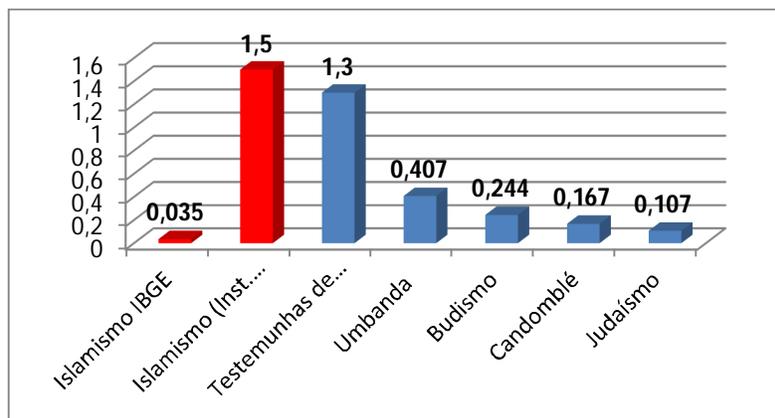


Gráfico 1 - Religiões no Brasil (Em Milhões de Pessoas).

O Islamismo ainda não figura como uma das religiões com maior número de seguidores no Brasil, porém, isso pode mudar nos próximos anos, se considerarmos as conversões de brasileiros, além da chegada de refugiados sírios, que tem ocorrido no país desde 2013, após a guerra civil na Síria.

No entanto, em relação às religiões mais populares no Brasil, o aumento de muçulmanos nos últimos anos pode ser considerado pequeno, e a quantidade de reversões ainda tímida. Enquanto 10 pessoas decidem frequentar uma mesquita, centenas decidem se converter nos grandes templos evangélicos. Embora a comparação não faça muito sentido, leve-se em conta que o acesso ao Islamismo não é tão simples, além de ser esta uma religião diferente dos costumes do país, fato que por si só, chama a atenção. E, apesar das diferenças, ela tem atraído os brasileiros, tanto que, de olho nisso, as instituições islâmicas têm trabalhado em uma nova abordagem para ajudar a mostrar ainda mais a religião.

Nos últimos meses, a divulgação do Islã começou a ser feita na televisão, embora de forma modesta. Agora, além de programas e canais de conteúdo católico e

<sup>19</sup> Segundo o último Censo do IBGE, existem cerca de 123 milhões de católicos, 43 milhões de evangélicos e pouco mais de 3 milhões de espíritas hoje no país. Entre 2000 e 2010, a população evangélica, considerada a que mais cresce no Brasil, aumentou em 61%, enquanto os muçulmanos tiveram um aumento de 29% no mesmo período.

evangélico, o público tem acesso ao ensino do Alcorão. Um exemplo é a TV ABERTA<sup>20</sup>, emissora comunitária da cidade de São Paulo, que está presente na NET analógica e digital, e na TVA analógica e digital. Diariamente, são veiculados programas sobre o Islamismo e a rotina nas mesquitas, com entrevistas de religiosos e curiosidades da população. Um dos programas intitulado “Conheça o Islam”, é ainda apresentado por uma muçulmana, inclusive, usando o *hijab*<sup>21</sup>.

Segundo o Islã, todos nascem muçulmanos e o retorno a Deus é chamado de “reversão”, e não “conversão”. A conversão, no caso, seria migrar para outra denominação religiosa. Para Francirosy Barbosa, há inúmeros motivos que levam os brasileiros a optarem pela reversão ao Islamismo. “Não há apenas um fio condutor. Mas depois do episódio do 11 de setembro, o número de revertidos aumentou. A quantidade de notícias sobre a religião trouxe um certo medo, mas também instigou a curiosidade de muitos”. Ainda de acordo com a pesquisadora, a telenovela *O Clone*, exibida pela Rede Globo em 2001, também teve um papel importante na divulgação da religião, por abordar na ficção o mundo árabe e muçulmano. Um exemplo de que o novo e o diferente atraem os olhares, sejam eles críticos ou curiosos.

### **Os novos muçulmanos**

Aos poucos, a reversão ao Islã no Brasil começa a ser explicada e até mesmo compreendida. O que para muitos pode ser considerado um fenômeno estranho, para outros trouxe conforto, paz e respostas. São várias as mobilizações de novos muçulmanos brasileiros. E os mais variados perfis de revertidos chamam a atenção. Mulheres entre 35 e 40 anos, por exemplo, são a maioria nas mesquitas. Em cada dez muçulmanos, sete são mulheres e, pelo menos, quatro delas são divorciadas ou têm filhos. “O homem muçulmano não tem preconceito em relação às mulheres, sejam elas divorciadas ou mães solteiras. Não existe isso. Inclusive, a primeira esposa do profeta Muhammad era mais velha do que ele”, lembra Barbosa.

---

<sup>20</sup> A TV ABERTA está no ar desde 1997. É uma emissora sem fins lucrativos, fundada por um consórcio entre a Associação Vida & Trabalho, OAB São Paulo e a TV Interação, e transmite seu sinal com base na lei das TVs a Cabo.

<sup>21</sup> Hijab: véu que cobre a cabeça usado pelas mulheres muçulmanas.

Há ainda os jovens recém-saídos da adolescência. “Existe o movimento negro na periferia. Muitos jovens têm estudado e se identificado com Malcolm X”, explica ela, em referência ao militante muçulmano e um dos principais nomes da luta contra o racismo e a injustiça social nos Estados Unidos. Para Marques (2011), “os novos porta-vozes do Islão são jovens negros, ativistas que querem combater a desigualdade e divulgar o Islão nas zonas empobrecidas da periferia das cidades”.



Figura 2 - Fachada da Mesquita do Pari, na zona Leste de São Paulo.

Como já citado, um dos locais que mais recebem brasileiros é a Mesquita do Pari, bairro localizado na zona Leste de São Paulo. Apesar de só na capital paulista haver cerca de dez mesquitas<sup>22</sup>, a Mesquita do Pari é conhecida por receber o maior número de pessoas interessadas em conhecer a religião. A maioria dos que a frequentam são nascidos no Brasil. O local é praticamente todo adaptado para os novos religiosos.

Há palestras sobre os desafios dos muçulmanos brasileiros, orientação religiosa, e, ainda, aulas para quem deseja aprender o árabe, o idioma do Alcorão e das orações diárias. Também há o sermão, feito em português, e aulas para crianças brasileiras.

---

<sup>22</sup> Fonte: Sociedade Beneficente Muçulmana.

Todo esse acesso também tem sido possível e facilitado graças ao representante da Mesquita, o Sheikh Rodrigo Rodrigues, o primeiro brasileiro revertido ao Islã a tornar-se Sheikh. Rodrigo Oliveira Rodrigues decidiu se reverter, mas não adotou um novo nome em árabe, algo comum entre os revertidos. “Quis manter o mesmo nome por ser brasileiro”, explica<sup>23</sup>.

Gaúcho, torcedor fanático do Internacional, casado e pai de três filhos, Sheikh Rodrigo assumiu a Mesquita do Pari há dois anos. Saiu do Brasil para estudar árabe, passou pelo Líbano, Qatar e Arábia Saudita e formou-se ainda em Teologia Islâmica. “Meu primeiro contato com o Islã foi aos 14 anos. Na época, ocorria a Guerra do Golfo<sup>24</sup> e só falavam disso, do petróleo e do mundo árabe. Eu era católico, tinha muita curiosidade sobre as religiões, lia a Bíblia e já tinha visitado algumas sinagogas, inclusive. Mas, quando eclodiu essa guerra, eu me despertei para os árabes, e fui à escola pesquisar sobre eles. Foi quando eu aprendi sobre os muçulmanos e que eles tinham um livro sagrado chamado *Alcorão*. Procurei num sebo de Porto Alegre, comprei a tradução e, quando li, pensei: ‘é nisso aqui que eu quero acreditar’”, conta.

Para Sheikh Rodrigues, essa experiência pessoal tem sido fundamental para compreender a expectativa das pessoas que chegam à Mesquita do Pari. Existe a curiosidade sobre o Islã, mas também existe o conflito comum por parte de quem quer seguir, como a identificação com a religião, a cultura e os antigos costumes. “Nós brasileiros temos nossas particularidades. Então, temos que criar essa identificação do brasileiro com o muçulmano. Somos criados sem regras, muitos têm a vida desregrada. Como brasileiro, e por conhecer a realidade do país, consigo identificar quando há alguma dificuldade. Tem que se aprender a ser muçulmano aqui, no Brasil”.

Para Francirosy Barbosa, isso se apresenta de forma perfeitamente possível, pois a raiz da religião não se modifica. “No Islã, tem Deus, e isso ajuda muito. Cada país tem seu contexto, e cada um, a sua espiritualidade”.

---

<sup>23</sup> Depoimento à autora.

<sup>24</sup> Ocorrido em 1990-1991, foi um conflito armado que começou logo após a invasão do Kuwait pelo Iraque de Saddam Hussein.



**Figura 3 - Salão de Oração da Mesquita do Pari**

Todos os meses, em média, de 10 a 12 brasileiros decidem pela reversão, isso só na Mesquita do Pari<sup>25</sup>. Independente de ser considerado ou não um número expressivo, de fato, tornar-se muçulmano no Brasil não deve ser uma decisão fácil por diversos fatores. Esse indicativo apresenta-se claramente nas mesquitas, porque os muçulmanos descendentes de árabes sofrem bem menos discriminação que os brasileiros. “Parte da sociedade brasileira não dá muito crédito para os novos convertidos. É como se não houvesse motivos para seguir uma religião que não é natural do seu país”, avalia Sheikh Rodrigues.

### **Síndrome de Jade**

Embora haja brasileiros determinados em seguir o Islã, há também aqueles que desistem e acabam voltando atrás na decisão. As diferenças culturais e religiosas são muitas, e, em alguns casos, elas falam mais alto. “Devemos deixar claro que isso nada tem a ver com se decepcionar com a religião. Na verdade, algumas pessoas entram procurando uma coisa, mas percebem que é outra”, explica a antropóloga Francirosy Barbosa.

Entre os casos de pessoas que decidem desistir da religião, o casamento é um dos principais motivos. Segundo a “relações públicas” da FAMBRAS, a brasileira

---

<sup>25</sup> Dados extraoficiais.

Carla Sanches<sup>26</sup>, a maioria das situações que chega ao conhecimento da Federação tem a ver com uniões mal sucedidas entre árabes e mulheres brasileiras. “A moça encontra o rapaz pela internet, e acredita que deve se converter ao Islã pelo fato dele ser árabe. Então, ela entra no Islã, casa, mas, depois, percebe que não é aquilo que imaginou. Ou seja, ela se converteu apenas para conseguir um casamento. É o que costumamos chamar de ‘Síndrome de Jade’”, revela Carla, em alusão à personagem Jade, vivida pela atriz Giovanna Antonelli na telenovela *O Clone*.

A “relações públicas” também chama a atenção para o perfil. “Existem moças que chegam com uma promessa de casamento, mas também há mulheres mais velhas, com um bom emprego, que são bem sucedidas, porém carentes. Por isso, acabam se iludindo e se decepcionando. Por não dar certo, algumas culpam a religião. Quando casos assim chegam até nós, procuramos orientar a pessoa”, completa.

“Você casa com uma pessoa que não é do seu país. E uma coisa é a religião, outra é o contexto étnico. Eu entendo que há determinados códigos brasileiros que o árabe simplesmente não entende. E vice-versa. No caso das mulheres, elas não querem só o Islã, querem se tornar árabes, e isso é muito radical. Tudo que é muito radical é prejudicial”, ressalta a antropóloga Francirosy Barbosa. De acordo com sua pesquisa, além do casamento, há outro fator comum entre os desistentes. “A pessoa quer adaptar o Islã ao interesse dela, e não é assim. A religião, de modo geral, compromete a pessoa em 100%. Se você não se encontra e não se enturma, acaba se excluindo”.

Ainda de acordo com Carla Sanches, não à toa, as pessoas que decidem seguir o Islã e permanecer na religião, geralmente, já têm um perfil. “São pessoas que já passaram por todas as religiões, mas não encontraram respostas. Então elas conhecem o Islã, começam a mesma procura, e nessa procura decidem pela conversão. Essas pessoas dificilmente voltam atrás, porque o interesse delas é realmente a religião”.

---

<sup>26</sup> Depoimento à autora.

## Um olhar para o passado

A expansão atual do Islã em terras brasileiras chama a atenção, mas a religião chegou ao país muito antes do que imaginávamos. Um capítulo, pouco conhecido e discutido, revela como os islâmicos ocupam um lugar de grande importância no desenrolar da nossa história.

No final do século XVIII, muitos negros trazidos como escravos da África eram seguidores do Islamismo. Nesta época, milhares de prisioneiros advindos de guerras político-religiosas na região do Sudão central, que hoje equivale ao norte da Nigéria, tiveram que vir à força para o Brasil. “Do longo conflito resultou a tomada de prisioneiros que eram vendidos aos traficantes de escravos, embarcados nos navios negreiros para o Brasil, sendo a grande maioria do sexo masculino, pois raramente mulheres eram feitas prisioneiras de guerra”<sup>27</sup>, discorre Ribeiro (RIBEIRO, 2012).

Além de trazerem consigo os ensinamentos da religião, os negros lideraram diversos movimentos contra a escravidão no país. Farah (2001) afirma que “denominados sobretudo malês, eram também conhecidos como muçulmis, muçulimi, muxurimim, mucuim e muçurimi. Foram responsáveis por insurreições de escravos negros em 1807, 1809, 1813, 1816, 1826, 1827, 1828, 1830 e 1835 – essa última conhecida como Revolta dos Malês, que ocorreu em Salvador”.

A Revolta dos Malês ocorreu na madrugada de 25 de janeiro de 1835. Centenas de escravos de origem muçulmana foram às ruas da capital baiana lutar contra soldados armados. Um grito no combate à opressão e à escravidão. De acordo com o historiador João José Reis, que conta a saga dos escravos muçulmanos em seu livro *Rebelião Escrava no Brasil*, cerca de 70 pessoas morreram e mais de 500 foram punidas com pena de morte, açoitamento e deportação. O caso ganhou repercussão nacional, e promoveu debates sobre o tráfico de escravos<sup>28</sup>.

“Não há sombra de dúvida sobre o papel central desempenhado pelos muçulmanos na rebelião de 1835. Os rebeldes foram para as ruas com roupas só usadas na Bahia pelos adeptos do Islã. No corpo dos que morreram, a polícia encontrou amuletos muçulmanos e papéis com rezas e passagens do *Alcorão*”,

---

<sup>27</sup> RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. A implantação e o crescimento do Islã no Brasil. Estudos de Religião, São Paulo, v. 26, n. 43, p.106-135, 2012.

<sup>28</sup> REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

discorre Reis. O historiador diz ainda: “os textos do *Alcorão* os atraíam pela expressão de simpatia pelo homem discriminado, exilado, perseguido e escravizado. O Islã foi e continua sendo uma religião atraente para as massas oprimidas por causa desse seu tom contra a opressão”(REIS, 1986).

As palavras do historiador sobre o levante dos Malês, e o significado da mensagem do Islã para os escravos ainda naquela época, explicam muito sobre a atual ligação de jovens negros das periferias com a religião. Como já foi citado anteriormente, ainda não há números precisos sobre a quantidade de muçulmanos recém-convertidos no Brasil, principalmente nas regiões mais carentes das grandes capitais. De fato, o Islamismo e sua mensagem de fé, predestinação e resistência, encontra nas favelas e nas comunidades marcadas pela submissão, um solo fértil para a disseminação da religião, um assunto que vamos ver nas próximas páginas.

No entanto, não podemos encerrar este capítulo sem antes mencionarmos a imigração árabe no Brasil, no fim do século XIX, com a chegada de imigrantes libaneses, sírios e palestinos do Império Otomano. Os conflitos locais e as perseguições religiosas sofridas na região motivaram o fluxo migratório para os países da América do Sul, entre eles, o Brasil. “Esses primeiros imigrantes eram, em sua maioria, cristãos (maronitas, ortodoxos e melquitas), mas, dentre estes árabes, também encontravam-se judeus e muçulmanos” (RIBEIRO, 2012).

A maioria desses árabes se estabeleceu nos estados de Minas Gerais e São Paulo, com a intenção de trabalhar na agricultura e no comércio, e construir um novo lar. Porém, com o fim da Primeira Guerra e a derrota do Império Otomano, parte dos imigrantes decidiu retornar ao seu país, enquanto outros preferiram continuar no Brasil e, ainda, receber uma nova leva de imigrantes proveniente daquela região (FARAH, 2001). “Embora os muçulmanos presentes neste grupo ainda fossem minoria, é com eles que começa a se estabelecer uma comunidade islâmica sólida em terras brasileiras”, explica Ribeiro (2012). Tanto que, em 1929, é fundada a primeira sociedade beneficente muçulmana no país.

Com a ocupação da Palestina em meados do século XX, mais imigrantes árabes, de maioria muçulmana, vieram para o Brasil. E, por fim, temos acompanhado a recente chegada de refugiados sírios, o que, também, tem contribuído para um reforço e expansão da comunidade islâmica no país.

## CAPÍTULO 4 - ALÉM DAS APARÊNCIAS

### A história de Eddie Fayah e Bia Kehdy

Já passava do meio-dia, e o casal Eddie e Bia continuava a distribuir folhetos sobre o Islã e a conversar com quem ousava se aproximar. Ele até poderia passar despercebido, mas ela, nem um pouco. As roupas eram como qualquer outra. Simples, com estampas discretas, cores claras. As mangas compridas nem eram tão chamativas a ponto de serem notadas, mesmo naquele dia de calor. Mas o lenço na cabeça, o *hijab*, era como um ímã, e atraía até os olhares desatentos. Alguns eram mais discretos, outros nem tanto assim. Bia já se acostumou a todos eles.

“Eu uso porque eu quero, o *hijab* faz parte de mim. É o que eu sou”, me revela a arquiteta, de 34 anos. “Enfrentei dificuldades para usar o véu, mas depois que tomei a decisão, fui em frente. Aqui no Brasil o povo é muito curioso, questiona tudo, quer entender, julgar. Enfim, foi uma luta”, lembra.

Bia e Eddie estão casados há pouco mais de um ano. Sair de casa para divulgar o Islã, distribuir livros e folhetos e tirar dúvidas de quem deseja conhecer a religião são ações que já fazem parte da rotina do casal. Vão à mesquita toda semana, oram cinco vezes ao dia em direção à Meca e fazem ainda o jejum do Ramadã. Também não deixam de reunir os amigos em casa, fazer um bom churrasco e torcer pelos times de futebol do coração. Ela é arquiteta. Ele, analista de marketing. Vão para o trabalho todos os dias, usam o transporte público, moram em um bairro tradicional da capital paulista, vão à padaria. Bia e Eddie são como qualquer pessoa, como qualquer brasileiro. “Nós levamos uma vida normal. Apesar de todas as dificuldades que encontramos, estamos felizes com a nossa escolha”, diz Eddie.

O analista de marketing, de 27 anos, conheceu o Islã quando ainda morava no sul de Minas Gerais, um estado onde o catolicismo é muito presente.

“Na minha cidade, a programação é ir à missa. Como nasci e me criei em um lar católico, eu fiz de tudo. Primeira comunhão, crisma e também dei aula de religião para as crianças. Até que chegou um momento em que comecei a contestar algumas coisas. Questionamentos sem respostas. Eu não entendia, por exemplo, o culto aos santos. ‘Por que não rezar só para Deus?’, me perguntava. Então, eu comecei a me afastar”.

Por volta dos 20 anos, Eddie decidiu mudar para São Paulo. E como sempre gostou de estudar línguas, descobriu um curso de árabe e não pensou duas vezes. Um dia, ao sair desse curso, o acaso mudou o rumo da sua história.

“Em frente à prefeitura, eu avistei um grupo de muçulmanos distribuindo folhetos, mas, de cara, achei que eram árabes. Por isso quis me aproximar. Perto deles havia uma mesinha com vários livros em cima, então fiquei curioso. Eu fui, peguei os livros e segui pra casa. Comecei a ler, um por um. E, para minha surpresa, eu encontrei justamente naqueles livros as respostas que buscava, e que tanto questionava quando era católico. Não demorou muito para eu ir à Mesquita do Pari e começar a participar das aulas, que são para muçulmanos e não-muçulmanos. Algumas semanas depois, após muita pesquisa e estudo sobre o Islã, decidi que aquilo era o que eu queria mesmo para mim”.

Para Eddie, distribuir folhetos, doar livros e falar do Islã, é como voltar no tempo. Ele mesmo é fruto de ações como essas, cada vez mais comuns aqui no Brasil. “Na religião islâmica, não existe a pessoa pegar no teu braço e te forçar a algo. Com essa ação de divulgação, nós queremos apenas desmistificar a religião e tirar dúvidas. Depois que entregamos um livro, esperamos que a pessoa venha buscar mais informações. Mas tudo está nas mãos de Deus”, explica.

Bia, que conviveu com um grupo de muçulmanos, pondera. “Por muitas vezes eu questioneei o Islã. Era dessas que discutia, que julgava. Mas antes de conhecer a religião”.

Ela lembra do vazio que sentia, principalmente na adolescência. “Certa vez, eu conversava com a minha mãe durante o café, quando desabafei: ‘sinto um vazio aqui dentro, não sei como, não sei por quê. É como se eu não pertencesse a este lugar’”.

Ainda que de forma inconsciente, Bia saiu de casa para buscar a paz em outros lugares. Morou nos Estados Unidos, passou por Nova Iorque, até chegar a uma pequena cidade onde fez faculdade. Lá, conheceu vários árabes muçulmanos e, por vezes, chegou a discutir com eles sobre a religião. “Eu dizia que era uma religião horrível e que a mulher não tinha direitos. Era uma imagem deturpada. De repente,

com a convivência, fui vendo que não era nada disso e descobri que muitos dos valores que eu tinha tinham a ver com a religião”.

Bia se considerava católica não praticante. Diferente de Eddie, ela pouco participava das missas. Morando nos Estados Unidos, sentiu vontade de jejuar no período do Ramadã, mesmo sem ser muçulmana. Para ela, foi como virar a chave.

“Eu comecei a conviver com a religião e me apaixonei. Vi que tinha tudo a ver comigo. A vida ganhou outro sentido, outra dimensão, outro significado. Aquele vazio deixou de existir. Só então eu decidi pela reversão, lá mesmo, nos Estados Unidos”.

Morar em outro país pareceu apropriado para Bia sob vários aspectos, principalmente quanto ao autoconhecimento. Mas ela ainda precisava contar sua decisão para a família.

“Eu senti muito medo, medo do que eles iriam pensar. Medo de como iriam reagir. Então, decidi escrever uma carta. A minha irmã aceitou muito bem, meu pai não disse nada, mas minha mãe procurou entender. Foi a uma mesquita e tudo. Depois, se culpou, achou que não havia me passado uma formação religiosa forte, e, por isso, eu tive que buscar outra”.

O pai de Bia realmente só rompeu o silêncio no momento em que a filha decidiu usar o véu. “Aí, não teve jeito. Disse que aquilo era um desgosto pra ele. Mas com o tempo acabou entendendo e aceitando. Hoje, tem até foto minha de *hijab* na sala da casa dele”, conta, em meio a risos.

Risos que desaparecem por um instante, quando começamos a conversar sobre o preconceito e a falta de informação. Para o casal, são desafios para qualquer muçulmano vivendo no Brasil.

“Você tem que saber levar. E o que mostra a sua conduta de muçulmano é justamente a maneira como você age diante da adversidade. Ela sempre vem. Uma vez, no trabalho, uma pessoa ligou um bip e um dos gestores fez até um teatro, perguntando se eu queria explodir o local. Mas outro episódio que me marcou ainda mais aconteceu na estação de trem. Deu o horário da oração e eu não iria conseguir chegar em casa à tempo. Fui num cantinho da plataforma, peguei a direção (para Meca), estendi meu tapete e comecei a orar. Quando eu levantei, havia uns quatro

seguranças me cercando e olhando pra mim, incrédulos. Claro, expliquei a situação e depois tudo deu certo”, lembra Eddie.

“Eu estava na Rua 25 de março, no Centro de São Paulo, quando um homem gritou e me chamou de esposa do Bin Laden. Foi muito constrangedor, teve até certa confusão na hora. Mas, por causa do véu, eu enfrento várias situações, algumas até engraçadas, quase todos os dias. Na feira, um vendedor já fez mímica tentando me explicar o valor de uma fruta. Eu perguntei: ‘você quer me dizer que isso custa cinco reais?’ Ele respondeu: ‘ué, você fala português?’. ‘Sim, sou brasileira’. O vendedor ficou sem acreditar. Muitas pessoas, independente de classe social, sejam elas ricas ou pobres, viajadas ou não, formadas ou não, não entendem que nós também podemos seguir o Islã. Não é um povo ou uma região, é uma religião”, desabafa.



**Figura 4 - O casal Eddie Farah e Bia Kehdy falam dos desafios dos muçulmanos no Brasil**

O casal se conheceu na Mesquita do Pari, e são os únicos muçulmanos na família. Hoje, não existe mais a resistência dos parentes, e mesmo que houvesse, Eddie e Bia garantem: jamais pensam em voltar atrás.

“O Islã é mais do que religião. É um código de vida. É a nossa conduta, é um todo. Ensina como me comporto, como trato o vizinho, o doente, o órfão. Tudo. No momento em que isso entra no seu coração, tudo se completa”, afirma Bia.

“O preconceito do dia-a-dia é pequeno diante do que encontramos no Islã”, finaliza Eddie.

## **CAPÍTULO 5 - RECOMEÇO**

### **A história de Jussara Khadija**

A maior parte das pessoas que conheci ao longo da pesquisa conta que decidiu se reverter ao Islã após inúmeros questionamentos sobre a religião que seguia. Alguns falam de um determinado vazio, outros simplesmente passaram a discordar de algumas práticas religiosas. Diferentemente do que inicialmente interpretamos ao vermos tantas pessoas decidindo pela reversão, muitos dos novos muçulmanos já trazem consigo um histórico de fé. E mesmo dedicando-se a uma religião, não conseguiam, segundo seus depoimentos, encontrar a paz interior e a felicidade.

A pedagoga Jussara Khadija Fulco, de 45 anos, endossa essa realidade. Moradora da cidade de Guarulhos, na Grande São Paulo, Jussara dedicou 20 anos de sua vida à fé evangélica. Era bastante ativa em uma das principais denominações evangélicas existentes hoje no Brasil, participava semanalmente dos cultos e trabalhava como obreira voluntária. Jussara também era bastante conhecida na igreja, principalmente após o testemunho de cura de uma das filhas, que sofreu de um câncer bastante agressivo. Mesmo com um histórico irreparável dentro da congregação, e, como ela mesma conta, seguindo a 'cartilha para a felicidade', Jussara sentia-se profundamente só. Mãe solteira de duas filhas adolescentes, era como carregar o mundo nas costas, sem ter com quem contar para isso.

“Não tenho motivos para falar mal da igreja onde eu congregava. A fé que eu tenho nasceu ali. Mas eu precisei enfrentar situações muito difíceis e, mesmo trabalhando na congregação, me vi em momentos de tristeza, de solidão e de vazio. Apesar de eu estar ali para ajudar as pessoas, eu não conseguia sequer ajudar a mim mesma. Eu procurava ajuda com outros irmãos que trabalhavam comigo, e alguns até sabiam dos meus problemas, mas não tinham um segundo para me ouvir, para me consolar ou mesmo para conversar. Eu vi que não podia ajudar uma pessoa sem antes me ajudar”, lembra.

Cheguei para entrevistar Jussara Khadija - o nome Khadija ela adotou logo após a reversão - em sua própria casa. Era uma nublada manhã de sábado, clima ideal

para ela estar vestida como gosta. A roupa comprida<sup>29</sup> típica do vestuário das muçulmanas, toda na cor branca e marcada por bordados, me revelou sua vaidade pouco escondida. O *hijab* com detalhes em brilho fazia contraste com os olhos perfeitamente maquiados e marcados de preto, em harmonia com as maçãs do rosto levemente rosadas. Jussara só sorria. Entre uma frase e outra, soltava: “Alhamdulillah!”, em árabe, o equivalente ao “Graças a Deus”.

Apesar do vazio e da necessidade de compreender a própria situação, Jussara conta que a vontade de ajudar as pessoas sofredas sempre falou mais alto. Com o tempo, ela passou a buscar por mais informações que pudessem ajudá-la.

“Eu fiz curso de Teologia e outros para ser missionária, pois tinha um desejo muito grande de pregar fora do país. Mas nesses cursos eu sempre ouvi falarem mal do Islã. A pregação sempre foi contrária. Como, por exemplo, que o Islã é religião de terrorista e, quando a criança completa oito anos de idade, ganha um fuzil. Bem, essa busca e essa vontade de querer falar do Evangelho de Jesus em outros países me fez ter mais curiosidades sobre o Islã. Fui pesquisar na internet e havia muitos vídeos falando mal da religião. Eu não me conformava com aquilo, e continuava a pesquisar. Fui buscar um caminho ainda mais profundo, ou seja, fui ler o *Alcorão*, e tudo passou a ficar mais claro”.

“Você deve mesmo ter ficado muito curiosa. Qualquer pessoa no seu lugar já teria absorvido como verdade o que estava na internet. O que te movia?”, questionei.

“O próprio *Alcorão* fala que quando Alah guia, ninguém desvia. Acho que já estava sendo guiada por Deus para chegar até o Islã”.

“Você até se emociona”, digo a ela, ao notar os olhos vermelhos.

“Sim, porque é uma religião muito bonita. A verdadeira palavra de Deus é sublime no *Alcorão*. O *Alcorão* é um milagre. Nunca foi movida uma vírgula de lá. Então, eu comecei a ler o livro sagrado, e durante as minhas pesquisas na internet, acabei conhecendo um muçulmano do Egito. Ele foi me ajudando e me mostrando uma realidade que até então eu não conhecia. A religião não prega a guerra e há muitos muçulmanos que sofrem e que são perseguidos”.

---

<sup>29</sup> Abaya: túnica usada pelas mulheres muçulmanas.

À medida que Jussara Khadija se dedicava a conhecer mais sobre o Islã, um conflito nascia dentro dela. Afinal, foram duas décadas vivendo a fé evangélica e passando os ensinamentos até mesmo para as filhas. Recomeçar por outro caminho não seria tão fácil.

“Eu fiquei muito confusa. Eu não queria blasfemar contra Deus e não queria negar a Jesus. Até eu aprender que, para o Islã, Jesus tem extrema importância também. Não é visto como deus, mas é considerado um profeta, como o profeta Muhammad. Os muçulmanos também acreditam na Bíblia, mas seguem o Alcorão como verdade absoluta. Além disso, vi que o Islã prega a justiça social, ou seja, o que eu tenho eu devo dividir com o pobre. Somente. Um discurso que ia contra aquilo que eu ouvi a vida inteira<sup>30</sup>. Então, quanto mais eu lia o *Alcorão*, mais percebia que a obra de Deus era muito maior do que aquilo que eu vivia. E que ali, no livro sagrado, estavam as respostas que eu tanto buscava”.

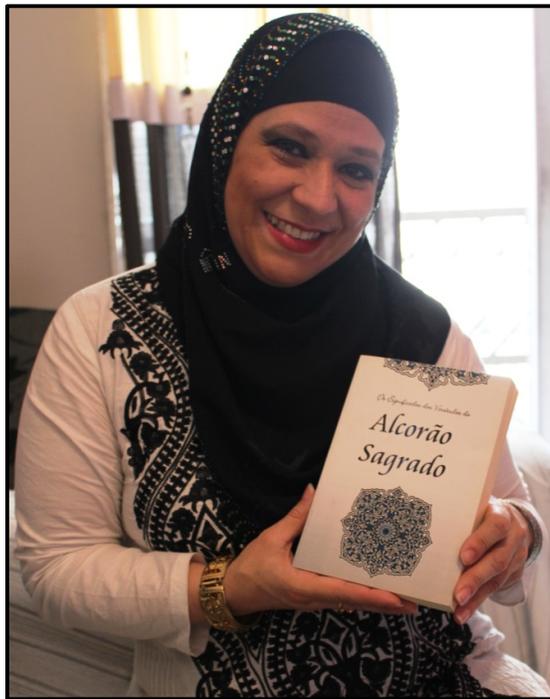


Figura 5 - Jussara Khadija posa com a versão em português do *Alcorão Sagrado*

---

<sup>30</sup> Jussara Khadija refere-se à Teologia da Prosperidade, pregação comum em algumas igrejas evangélicas. A Teologia da Prosperidade exalta o dízimo e as ofertas como forma de conquistar a salvação e a prosperidade.

Neste momento, o alerta sonoro no celular de Khadija indica que chegou a hora de mais uma oração. Ela garante que faz as cinco orações em árabe e em direção à Meca, estuda o *Alcorão* todos os dias e, em breve, fará a peregrinação até a cidade sagrada do Islã.

A pedagoga, hoje, orgulha-se da nova vida e garante que nunca foi vítima de preconceito. “Sinto mesmo é curiosidade. As pessoas gostam de se aproximar e perguntar sobre as minhas roupas, sobre o véu e de onde eu sou. Mas nunca me senti agredida por isso. A falta de informação sobre a religião existe, sim. Mas nunca passei por uma situação em que tenha saído ofendida”.

Faz três anos que Jussara Khadija Fulco decidiu se reverter ao Islã. Entregou o uniforme de voluntária na antiga igreja, encontrou ainda certa resistência por parte dos pastores, mas seguiu decidida. A família nunca se opôs. As duas filhas, apesar de apoiarem a decisão da mãe, continuam como voluntárias na igreja evangélica. As três convivem juntas na mesma casa, em harmonia, como prova de que respeito e tolerância às diferenças - sejam elas culturais ou religiosas – estão acima de tudo.

## **CAPÍTULO 6 - DA TEOLOGIA AO ISLÃ**

### **A história de João de Deus Cabral**

Imagine entrar todos os dias em uma determinada igreja pela porta da frente, ser respeitado pelos membros, reconhecido pela liderança e, ainda, prestar ajuda e aconselhamentos religiosos a quem necessitar. Você estudou e se preparou para essa missão durante anos, mas, de repente, a mensagem que norteou suas decisões ao longo da vida passou a não mais fazer sentido.

Conheci a história de João de Deus por meio de Jussara Khadija. Por ter estudado Teologia durante anos, sua reversão ao Islã, de fato, chama a atenção. E, ainda, por ter sido pastor, João de Deus representa para alguns muçulmanos brasileiros certa garantia de que estão seguindo o caminho certo. “Se um homem que estudou ‘a fundo’ até deixou de ser pastor após conhecer o Islã é porque precisamos mesmo refletir”, lembro-me de ouvir Khadija dizer. Bem, não foi difícil localizá-lo. Mas, como João de Deus mora em João Pessoa, na Paraíba, a entrevista teve de ser feita por e-mail.

Quando decidi se reverter ao Islã, João de Deus Cabral era o pastor-presidente de 17 Igrejas e Secretário-Executivo da Convenção dos Ministros Evangélicos das Assembleias de Deus no Estado da Paraíba. Formado em Teologia, ele havia trilhado um longo caminho até conquistar o reconhecimento da congregação. Logo, sua decisão – até hoje – é considerada polêmica. E como é comum a quem decide seguir o Islã no Brasil, João não só precisou enfrentar a opinião de amigos ou familiares, mas principalmente a de um público que ouvia e seguia seus passos e pregações.

O ano era 2006. Na época, o pastor João de Deus e a esposa foram surpreendidos pela notícia de que a filha decidira se reverter ao Islã. Recém-formada em Engenharia de Produção, a jovem dava continuidade aos estudos em Auckland, na Nova Zelândia, onde acabou conhecendo a religião. “Com a reversão da minha filha, veio a preocupação quanto à sua sobrevivência no meio de uma religião da qual eu tinha as piores informações, como, por exemplo, de que era a religião de árabes terroristas. Então, comecei a estudar o Islã, mas com o intuito de trazê-la de volta ao cristianismo”, conta João de Deus.

Em busca de brechas na religião, João mergulhou no universo islâmico. Ele só não esperava que começasse a enxergar o Islã de outra forma. Enquanto isso, a filha mudou-se para os Emirados Árabes Unidos. “Minha filha conseguiu ser aceita como funcionária do governo de Dubai. Daí as minhas preocupações aumentaram, e muito. Então, viajamos, eu e minha esposa, para conhecermos o novo local de trabalho dela. E, para nossa surpresa, ao invés de terroristas, encontramos um povo de uma religiosidade capaz de causar inveja ao mais dedicado cristão do Ocidente”, garante.

Depois do primeiro contato com a religião oficial nos Emirados Árabes Unidos, João de Deus voltou para o Brasil trazendo diversos livros, além do Alcorão. O interesse só aumentava, e João começou a se dividir entre as pregações na igreja e o estudo da religião que acabara de conhecer. “O que encontrei na leitura dos livros foram as respostas a alguns questionamentos trazidos dos bancos do Seminário Teológico Cristão. Eu me perguntava: ‘seria bíblica a doutrina da Trindade?’. ‘Por que o Deus Único retratado no Velho Testamento havia se dividido em três entidades?’. ‘E, se Jesus era Deus que se fez carne, por qual motivo ele nunca afirmou isso?’”

O tempo passou e, um ano depois, João de Deus voltou a Dubai, desta vez para o casamento da filha com um muçulmano jordaniano.

“De Dubai, fomos conhecer a Jordânia e os principais sítios históricos das três religiões monoteístas: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. Visitando diversos lugares, cheguei à conclusão de que a unicidade de Deus era a verdade, e os muçulmanos verdadeiramente seguiam esta verdade. Eles amam a todos os profetas de Deus, inclusive o profeta Jesus. Neste momento, eu vi que estava pronto para proferir a *Shahada*, ou seja, a profissão de fé islâmica: ‘La ilaha ill’ Allah. Muhammadun rasul-Ullah’, que significa ‘Não há deus senão Deus. Muhammad é o enviado de Deus’.

Mas, ao retornar para o Brasil, João teve de enfrentar a realidade que deixara. Apesar de já se considerar um muçulmano, ele ainda ocupava um cargo de liderança numa das maiores igrejas evangélicas da Paraíba. Não só era tido como um referencial, como também era respeitado por estar à frente dos projetos da congregação. Foram anos de ministério, e João precisava agir da melhor forma para não ser mal interpretado. “Foi muito difícil tomar essa decisão. Após a minha reversão, fiquei durante um ano carregando esse segredo comigo. Eu não sabia como lidar com isso, como divulgar minha nova religião. Mas tudo tem um tempo determinado e Deus

me deu forças para entregar a igreja para outro pastor. Mesmo sem dizer a real motivação, eu me afastei”, lembra.

Alguns meses se passaram até João assumir a nova fé durante um programa de televisão local da Paraíba. Ainda havia muita curiosidade em torno do assunto, e vários motivos que justificassem sua saída da igreja foram criados. “A minha família sempre apoiou minhas decisões, e com relação a esta não foi diferente. Mas as pessoas da igreja reagiram negativamente, não entenderam meu ponto de vista e passaram a me difamar. Até hoje me criticam”. João garante que os comentários negativos não mais o incomodam. “Tento manter a minha postura a mais islâmica possível. O meu julgamento é decisão somente de Deus”.

Embora enfrente dificuldades, João não olha para trás e segue vivendo os ensinamentos do Alcorão. Hoje, recém-formado bacharel em Direito, divide o tempo entre a família, os estudos na área jurídica, e o Centro Islâmico de João Pessoa. Trocou a igreja pela mesquita, e diz ter feito a melhor escolha. “Sempre fui uma pessoa feliz, mas sentia falta de respostas consistentes em relação à Divindade. Encontrei essas respostas no Islã, e agora me sinto livre para viver a minha fé”.

## **CAPÍTULO 7 - O ISLÃ NA PERIFERIA**

### **O som da resistência**

“O Islã apareceu pra mim em um momento meio delicado da minha vida”, conta César Mateus, que agora é conhecido pelo nome islâmico César Kaab Luckman Abdul Al Qadir. Morador da periferia de Embu das Artes, em São Paulo, Kaab representa uma nova face do Islã no Brasil. Um Islã que tem avançado os muros das suntuosas mesquitas para chegar às favelas das grandes capitais.

Eu já havia dado início à pesquisa sobre o avanço do Islã no Brasil quando deparei com essa nova realidade. E jamais poderia imaginar que a religião não só estava avançando como sua presença era cada vez mais significativa na periferia. Jovens, principalmente jovens, cada vez mais inspirados pelos passos do profeta Muhammad, mas também pela vida de Malcolm X. O ativista político, defensor dos direitos dos negros nos Estados Unidos e religioso muçulmano, é um símbolo da luta contra a exclusão e o preconceito, hoje tão presente na vida dos jovens da favela. “Muitos jovens leram a história de Malcolm X e se identificaram”, afirma a antropóloga e pesquisadora da religião Francirosy Barbosa.

Com César Kaab não foi diferente. O primeiro contato com a religião aconteceu ainda na década de 1980, após ler a biografia do ativista político. “Naquele tempo ainda não havia fonte de informação sobre o Islã aqui no Brasil. Somente depois do dia 11 de setembro de 2001 é que eu fui realmente conhecer a religião”. Apesar de César Kaab não ter despertado para o Islã naquele momento, uma semente fora plantada. E sua relação com a música se encarregaria de colocá-lo nos caminhos da religião.

“Conheci diversas religiões, frequentei igrejas evangélicas e movimentos do segmento afro. Mas um dia, em casa, em um momento de reflexão, algo mexeu comigo. Eu escrevo letras de rap, então fazia uma busca na internet para um novo som. Buscava algo diferente quando achei um vídeo sobre ‘Adhan – o chamado para oração’. Adhan é o chamado que reúne os muçulmanos para oração e, quando vi, aquilo tocou fundo na minha alma, senti uma vontade de chorar, mas não conseguia entender o motivo. No início, achei que era por causa da situação complicada que eu passava no momento, mas depois descobri que era muito mais que isso”, relembra

César Kaab, que não só partiu à procura de pessoas que pudessem ajudá-lo, como ele próprio passou a pesquisar mais sobre a religião. “Foram anos de estudos. Pesquisei e li tudo o que pude, até que não tive mais dúvidas. Decidi pela reversão ao Islã, a melhor escolha que fiz em toda minha vida”.

Aos 40 anos, César Kaab é casado, pai de quatro filhos e há 16 anos preside a Zumaluma, uma instituição filantrópica que ele criou na favela onde mora. O espaço onde funciona uma pequena biblioteca com computadores para os jovens da comunidade conta com várias ações ligadas à cultura de rua, já que César Kaab tem uma forte conexão com o rap e o hip hop – a música sempre fora sua voz de protesto em meio ao sentimento de exclusão e de resistência. Mas, além do trabalho de incentivo que realiza com os jovens na comunidade, César Kaab dedica-se a divulgar e desmistificar a religião que ele escolheu. Para isso, também fundou a primeira casa de oração construída dentro de uma favela: a Mussala Ramah.



Figura 6 - Fachada da Mussala Ramah - a casa de oração na periferia de Embu das Artes

Diferentemente das grandes mesquitas, que revelam o esplendor da arquitetura islâmica tradicional, a Mussala Ramah ocupa um espaço menor e bem mais modesto. Pouca coisa remete à religião, a não ser pela imagem reproduzida nas duas portas de entrada: o desenho de construções típicas de países islâmicos sob o entardecer. Folhetos, livros islâmicos e uma foto da Caaba também dão boas-vindas aos frequentadores. E uma grande placa sobre tudo isso revela a razão de ser do lugar

- uma casa de oração. “A Mussala surgiu da necessidade de termos um espaço para nós, muçulmanos, nos reunirmos para a oração e estudo do *Alcorão*”, conta César Kaab.

Na falta de uma mesquita por perto, a casa de oração cumpre o papel. Na periferia, muitas pessoas têm sido atraídas para o Islã pela curiosidade. Elas querem o novo, o diferente. Ouvem falar sobre a religião na mídia, e sentem a necessidade de ver de perto. De acordo com César Kaab, a Mussala Ramah recebe entre 40 e 50 pessoas nos encontros promovidos quinzenalmente. E nem todos os participantes são muçulmanos.



Figura 7 - Jovens muçulmanos em momento de oração na Mussala Ramah

A casa de oração construída no meio da favela atrai todos os olhares, embora divida opiniões. Há os que se aproximam apenas para conhecer e decidem aprender um pouco mais. Mas também existem aqueles que torcem o nariz tanto para a religião quanto para quem decide segui-la. “É um olhar, uma atitude mais brusca ou até mesmo piadinhas. Comigo acontece sempre, seja no banco, no mercado, em lojas... Uma vez, durante uma ação de divulgação do Islã, um homem gritou para mim: ‘o que você está fazendo aqui? Volta pro teu país!’, lembra César Kaab, que também precisou romper barreiras dentro de casa. “De início, minha família achou que eu estava maluco, por causa dessa história de terrorismo. Até então tranquilo, mas aí deixei minha barba crescer, comecei a ler o dobro do que lia e passei a sair pouco de

casa. Alguns familiares se afastaram, outros faziam piadinhas. Mas viram que eu estava mesmo falando sério quando parei de beber e de fumar, e fui pra Arábia Saudita no *Hajj*<sup>31</sup>. A esposa de César Kaab, apesar de não ser muçulmana, compreende a escolha do marido. “Ela e minha mãe são evangélicas, e conseguimos viver bem assim”, afirma.

O respeito e a tolerância vividos dentro de casa, César Kaab sonha em levar para as ruas, para a sua comunidade. O drama na favela, as dificuldades, a luta contra a intolerância, além de mensagens do Alcorão, hoje também inspiram suas letras de rap. Não à toa, para o líder comunitário, a história do ativista político que o inspirou agora faz todo o sentido. “Os muçulmanos são vistos como terroristas, fundamentalistas. E, infelizmente, acredito que estamos longe de quebrar essa visão sobre o Islã. Mas a minha Jihad<sup>32</sup> é essa, o meu esforço é esse. Divulgar o Islã por todos os meios necessários”, finaliza.



Figura 8 - César Kaab Abdul: “Minha missão é divulgar o Islã”

---

<sup>31</sup> A peregrinação à Meca que todo muçulmano, em condições físicas e financeiras, deve realizar ao menos uma vez na vida.

<sup>32</sup> É o esforço, um desafio na causa de Deus. Significa dizer que é o empenho do muçulmano em proteger e divulgar a sua religião.

## **CAPÍTULO 8 - UM SINAL DE LIBERDADE**

### **Ainda sobre o Islã na periferia**

Depois de dirigir 25 quilômetros, a distância da minha casa até o meu destino naquela tarde de sábado, finalmente cheguei a Mussala Ramah, a casa de oração localizada na periferia de Embu das Artes. Meu objetivo era conhecer pessoas que frequentassem o local e que ali viveram seus primeiros momentos com o Islã.

Estacionei o carro há alguns metros da casa de oração, de onde já dava para avistar perfeitamente um grupo de pessoas em frente. Confesso que não sabia bem o que esperar daquele momento, como seria recebida ou como deveria me comportar. Depois de meses pesquisando e lendo sobre o Islã, eu ainda sentia que não sabia de nada. E também não sabia ao certo o que esperar de cada entrevista.

A quantidade de jovens logo me chamou a atenção. Apesar de, naquele sábado, a Mussala não estar lotada, percebi que pessoas com idades entre 20 e 30 anos eram maioria no lugar. Todos pareciam se conhecer muito bem. As moças, falantes e simpáticas, me deram as boas-vindas. Pareciam abertas ao questionamento que eu fizesse, seja lá ele qual fosse. Já os rapazes, bem mais contidos, apenas me cumprimentaram com um aceno de cabeça.

Logo fui recebida por César Kaab – cuja história contei no capítulo anterior – que tratou de me apresentar aos demais. E não demorou muito para eu me aproximar de duas jovens amigas: Anisah, de 26 anos e Drielly, de 21. Ambas se reverteram ao Islã não tem muito tempo, e aceitaram dividir suas histórias comigo.

“O meu interesse pelo Islã nasceu da polêmica”, me conta sem titubear, a empresária e estudante de Direito, Drielly Vasconcelos. “Eu só ouvia falarem mal da religião, então decidi pesquisar e tirar minhas próprias conclusões. Havia um confronto muito grande dentro de mim porque eu buscava respostas e ninguém sabia respondê-las. Por causa disso, passei por várias religiões. Fui católica, testemunha de Jeová e evangélica. Até que decidi conhecer que religião era essa que tanto menosprezavam”, relembra Drielly, referindo-se à religião do profeta Muhammad.

Foram três meses de pesquisas e visitas à Mesquita do Pari, no Brás, até decidir pela reversão, aos 20 anos de idade. Apesar do pouco tempo como muçulmana, Drielly garante que já aprendeu bastante sobre o Islã. “O Sheikh diz que

em uma semana eu aprendi o que muitos muçulmanos levam anos para aprender”, orgulha-se. “Sou dedicada, estudo muito mesmo. O Islã me trouxe respostas, no Islã eu me descobri”.



Figura 9 - A muçulmana brasileira Drielly Vasconcelos: "No Islã eu me descobri".

Com Anisah Zafira, a história não foi muito diferente. Nascida e criada na favela de Paraisópolis, na capital, a coordenadora de projetos teve seu primeiro contato com a religião há poucos anos, quando foi morar em Embu das Artes. Um problema na vida pessoal a fez buscar por uma religião, mas, até então, o Islã não fazia parte dos planos. “Fui a várias igrejas, de diferentes doutrinas. Mas eu acabei me decepcionando com o discurso e por isso afirmava que não tinha religião. Mas a vontade de ter algo em que acreditar me levou a ler e a pesquisar. Então, para comparar as religiões, passei a estudar tanto o Cristianismo quanto o Islamismo, porque nesta época já havia alguns muçulmanos aqui na comunidade”, conta.

Assim como Drielly, Anisah revela que ao tentar entender o Islã, acabou se encontrando na religião. “Um dia, eu mesma decidi ler o *Alcorão* sozinha, e fiquei surpresa ao deparar com as histórias de Abraão e de Moisés. Depois de aprender que o Islã prega a unicidade de Deus, não tive dúvidas de que havia encontrado o meu caminho”.

Apesar de muito jovens e de terem se revertido há pouco tempo, Anisah e Drielly garantem que não vão voltar atrás na decisão, embora exista resistência de

alguns brasileiros em relação aos muçulmanos. Para elas, a falta de informação é o que estimula o preconceito. “Acho que todos sofrem, principalmente os brasileiros que decidem se reverter. No meu caso, a minha família estranhou bastante e também resistiu à minha decisão. Meus pais só aceitaram depois de perceberem a minha dedicação e mudança”, conta Drielly, que garante ter ficado mais serena. “Eu perdia a paciência e discutia por qualquer motivo. Hoje, a minha transformação é nítida”, afirma.



**Figura 10 – A jovem Anisah Zafira, de 21 anos, diz que sentiu a responsabilidade da decisão ao assumir o véu.**

Já para a família de Anisah, a ficha só caiu quando ela decidiu usar o véu. “Minha mãe dizia pra eu escolher uma religião que não precisasse usá-lo. Mas para mim o véu não é uma prisão, e, sim, liberdade”, revela. Para os pais humildes e semianalfabetos, a religião que a filha escolhera ainda era um mistério. “O tempo foi passando, e eles foram aceitando. Viram a minha mudança e o quanto estou feliz”.

A felicidade e a sensação de liberdade, de fato, só chegaram quando Anisah aceitou a si própria e assumiu suas escolhas. Ela sabia que seguir uma religião pede por renúncias. Mas até Anisah cobrir a cabeça, levou um tempo. “Antes de assumir o véu, eu tentei abandoná-lo três vezes. Saía na rua e as pessoas ficavam me olhando, comentando... Não sabia como lidar, porque aquilo também era novo para

mim. Quando realmente percebi que o véu fazia parte de mim, tudo fluiu. Hoje já não me incomodo com mais nada. Se fazem piadas, nem ligo. Alguns me perguntam se eu sou terrorista. Outros me usam até como ponto de referência. 'Ah, estão vendo aquela moça que usa uns panos na cabeça? Então, é ali'. É engraçado", diverte-se.

"Acredito que nem sempre é preconceito. Muitas vezes é apenas curiosidade. As pessoas querem saber quem somos, de onde viemos. O véu não é natural do nosso país, então as pessoas confundem, e algumas ficam até maravilhadas quando descobrem que somos brasileiras. A verdade é que usar o véu exige coragem, muita coragem", defende Drielly.

"O véu é uma liberdade de escolha. Muitos enxergam o *hijab* como opressão. Mas, se fosse, por que escolheríamos usá-lo? Não somos obrigadas a nada", completa Anisah.

O uso do *hijab* levanta muitas discussões em torno da mulher muçulmana, assunto de que vamos tratar mais adiante.

Entre o final do ano de 2014 e meados de 2015, o crescimento da religião nas comunidades mais carentes virou assunto em telejornais e revistas brasileiras<sup>33</sup>, mas sempre enfatizando o fascínio que há entre os mais novos.

De acordo com a apuração realizada durante esta pesquisa, os jovens, principalmente os recém-saídos da adolescência, estão entre os que mais decidem seguir o Islã, ficando atrás apenas das mulheres na faixa etária entre os 35 e 40 anos. Por isso, é natural questionarmos suas reais motivações, o quão consistente são as reversões, e até mesmo a rapidez com o que tem ocorrido esse processo. Para a antropóloga Francirosy Barbosa, ainda que tudo aconteça muito rápido, existe verdade em muitos casos. "Tudo é possível e precisamos observar cada histórico. Cada caso é um caso. Já vi histórias de pessoas que leram um papel com informações sobre o Islã, procuraram uma mesquita e decidiram se reverter. E hoje são grandes líderes. Ou seja, não dá para julgar", afirma.

"Eu vejo também as moças usarem o *hijab* muito mais rápido do que há duas décadas", completa Francirosy Barbosa, trazendo ao debate as dificuldades que

---

<sup>33</sup> Entre março e maio de 2015, foram veiculadas reportagens sobre o crescimento do Islã na periferia nos telejornais do SBT, da TV Cultura e na Rádio CBN. O assunto também atraiu publicações como as revistas *IstoÉ* e *Veja*, além do jornal impresso *Valor Econômico*.

as mulheres brasileiras podem enfrentar a partir do momento que decidem adotar o véu.

No Brasil, alguns casos de muçulmanas agredidas por usarem o véu ganharam repercussão nos últimos meses<sup>34</sup>. O episódio em que uma advogada, por usar o *hijab*, foi retirada da sala de aula durante um exame da Ordem dos Advogados do Brasil também chamou a atenção<sup>35</sup>. O fato é que usar ou não o véu islâmico no país requer determinação. “Ainda há muito estranhamento por parte da sociedade. Mas também depende muito da autoestima dessas mulheres. Falta um pouco de conhecimento, de determinação. Tem que se trabalhar a questão da autoestima, porque aparecer de véu pode trazer insegurança. Então, depende de como você se sente ao ser olhada”, afirma a antropóloga, que também é otimista em relação a mudança de postura dos brasileiros.

Para ela, a hostilização e o preconceito contra as mulheres muçulmanas podem estar prestes a ruir. “Estamos ampliando muito o debate sobre intolerância religiosa e sobre o direito de as pessoas de usarem seus elementos religiosos. De certa forma, isso vai movimentar a sociedade e nós temos que encarar isso”.

Para as amigas Anisah e Drielly, o mercado de trabalho em países sem tradição islâmica é uma questão complicada, mas depende da história de cada pessoa. “Nunca precisei abandonar o *hijab* para trabalhar, já que trabalho em um local que aceita as minhas convicções. Mas, se eu estivesse passando por uma situação financeira muito difícil e precisasse do emprego, aceitaria tirá-lo”, confessa Anisah Zafira. “A religião nos dá a liberdade para isso. Você não vai deixar de ser fiel e temente a Deus por causa disso. É uma necessidade”, diz Drielly, que também nunca passou por uma situação parecida.

A jovem se divide entre a administração da loja da família, no Brás, e a faculdade de Direito. “O *hijab* até atrai os clientes. Quando as pessoas passam e me veem na loja, elas se aproximam, querem tirar fotos”, afirma a empresária, que também garante não sofrer qualquer tipo de rejeição na sala de aula.

---

<sup>34</sup> GARCIA, Carolina. Islamofobia no Brasil: muçulmanas são agredidas com cuspidas e pedradas. 2015. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2015-01-25/islamofobia-no-brasil-muculmanas-sao-agredidas-com-cuspidas-e-pedradas.html>>. Acesso em: 25 maio 2015.

<sup>35</sup> MUNDIM, Izabelle. Aluna é ameaçada de eliminação no exame da OAB por usar véu. 2015. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/03/17/aluna-e-ameacada-de-eliminacao-no-exame-da-oab-por-usar-veu.htm>>. Acesso em: 25 maio 2015.

No entanto, nem tudo é tão simples quanto parece.

A dona-de-casa Elaine Zogbi, de 36 anos, precisou, por exemplo, abrir mão de um emprego. Como diarista em uma casa de família, ela foi demitida após chegar para trabalhar usando o *hijab*. “A minha patroa estranhou muito e não me quis mais lá”, revela.

Assim como Anisah e Drielly, Elaine é brasileira e frequenta a Mussala Ramah. Embora tenha enfrentado dificuldades por decidir seguir a religião do profeta Muhammad, ela garante que tudo valeu a pena. “Por seis anos fui testemunha de Jeová, mas sempre faltava alguma coisa na minha vida. Como falta o acento numa palavra. Eu me sentia incompleta”.

A reversão de Elaine é recente, ocorreu em janeiro de 2015. Casada e mãe de uma adolescente de 12 anos, ela conta que o conhecimento sobre a religião veio por meio de livros que ela e o marido ganhavam dos amigos muçulmanos. “Apesar de eu ainda não saber tudo, sei que sou uma muçulmana de verdade”.

No momento da entrevista, Elaine ainda comemorava algo que, para ela, tratava-se de um milagre. “Descobri há poucos dias que estou grávida, um presente de Allah. Há dez anos eu tento ser mãe novamente, sem sucesso. Eu e meu marido já tínhamos até desistido”.

Elaine, acompanhada da filha mais velha, chega a se emocionar. “Já passei por muitas coisas nessa vida. Mas hoje sei que estou no caminho certo. Sigo firme, não tenho medo de nada. Não tenho medo de preconceito, de agressões, de nada. O Islã é maior que tudo isso. Eu só me arrependo de não tê-lo abraçado mais cedo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu estava prestes a finalizar a minha pesquisa quando me dei conta de que ainda não sabia, ao certo, o que levava um brasileiro a se reverter ao Islã. Afinal, foram horas de estudo, de pesquisa de campo, de visitas às mesquitas, além de várias entrevistas e histórias, cada uma com sua peculiaridade. E, ainda que eu tenha decidido não contar todas neste livro-reportagem, todas me mostraram um jeito novo de enxergar o Islã.

Assim como nós temos nossa forma de enxergar o mundo, cada um enxerga uma religião do jeito em que acredita. Ou da maneira como ela passou a fazer a diferença na sua vida. Embora não tenha sido meu objetivo escrever de forma tendenciosa, sei que em algumas linhas eu deixei a linguagem dos meus olhos falar mais alto.

A minha maior dificuldade foi chegar aos números, ou seja, dados que ajudassem a traçar uma perspectiva de crescimento do Islã no Brasil. Ao entrar em contato com várias mesquitas e a ligar para várias instituições islâmicas, eu sempre ouvia a mesma resposta: “Não temos esses números, não registramos. Nosso interesse é qualidade e não quantidade”, ouvi de uma representante de umas das instituições islâmicas. “No início cheguei a registrar, mas depois vi que não era esse o caminho. Não nos interessa quantos se convertem, mas sim quantos permanecem fieis ao Islã”, me disse um dos Sheikhs.

Aos poucos, comecei a enxergar que o meu maior empecilho neste trabalho, era justamente a razão pela qual eu decidira pesquisar sobre os brasileiros que decidem se converter. A minha motivação em descobrir suas razões, suas descobertas, seus novos caminhos. Enfim, ali estava a resposta que eu tanto procurava.

Ao ouvir as histórias que compõem este livro, pude compreender que todas têm algo em comum: a busca pela paz. O fim do vazio interior, as respostas para a própria existência, uma razão para o sofrimento ou um sentido para a vida. Mas por que encontrar tudo isso em uma religião que não é natural de seu país?

A resposta está na comunhão que essas pessoas puderam ter com seu Criador, ou seja, naquilo que elas crêem que o Islã lhes oferece. Não importa se é uma religião predominante em outro ponto do mundo, se ela é mistificada como algo

menor ou ruim, ou se enfrentarão dificuldades e preconceito. Concluo que quem, verdadeiramente, busca uma religião para nortear a própria vida, vai lutar por isso, e enfrentar o que for. E pouco importa se é uma religião com muitos ou poucos seguidores. A pessoa deseja encontrar paz.

No entanto, por mais difícil que seja chegar a números que comprovem a expansão do Islã em terras brasileiras, isso não invalida a sua necessidade, tendo em vista a importância de traçarmos um novo panorama da fé no Brasil, assim como levantarmos discussões sobre as diferenças culturais e religiosas entre os mais diversos segmentos. Logo, acredito ser esse um campo a ser explorado para pesquisas futuras.

Embora não haja dados oficiais, concluo que é perfeitamente possível considerarmos o aumento do Islamismo no país, de acordo com o que foi visto nas próprias mesquitas, além de a religião estar presente até mesmo na periferia. Atualmente, isso pode não estar tão claro aos olhos da sociedade brasileira, mas à medida que o Islã se torna mais conhecido, incluindo a ajuda das ações de divulgação, ele pode vir a ser uma religião influente no Brasil.

Porém, ainda que isso não aconteça, o que se tem feito para desmistificar a religião não será em vão. Muito pelo contrário, amplia o debate sobre intolerância religiosa e a importância de se respeitar o espaço e a escolha do outro. Uma forma de combatermos visões deturpadas, também, no que diz respeito à história do Islã e ao terrorismo no mundo.

Em suma, há muito a ser discutido sobre o Islamismo no país e muitos olhares a serem lançados sobre este tema. Mas concluo ser possível dizer que o Islã é único, com os mesmos princípios fundamentais nos mais diversos países e grupos. No entanto, embora a raiz da religião não se modifique, cada nação tem seu contexto e acaba somando à sua espiritualidade elementos da sua cultura e costumes. Isso implica dizer que a mensagem e os princípios da religião serão sempre os mesmos, mas como eles frutificarão no Brasil e formarão o que podemos chamar de Islã brasileiro somente o tempo irá nos dizer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, José Tadeu. *O maior perigo do Islã: não conhecê-lo*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2005.

FARAH, Paulo Daniel. *O Islã*. São Paulo: Publifolha, 2001.

KAMEL, Ali. *Sobre o Islã. A afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. *A implantação e o crescimento do Islã no Brasil*. Estudos de Religião, São Paulo, v. 26, n. 43, p.106-135, 2012.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SUT, Jhally. *Reel Bad Arabs: How Hollywood vilifies a people*. Media Education Foundation, 2006. DVD. 50min

GARCIA, Carolina. *Islamofobia no Brasil: muçulmanas são agredidas com cuspidas e pedradas*. 2015. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2015-01-25/islamofobia-no-brasil-muculmanas-sao-agredidas-com-cuspidas-e-pedradas.html>>. Acesso em: 25 maio 2015.

MARQUES, Vera Lúcia Maia. *Os muçulmanos no Brasil*. 2011. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/777>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

MUNDIM, Izabelle. *Aluna é ameaçada de eliminação no exame da OAB por usar véu*. 2015. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/03/17/aluna-e-ameacada-de-eliminacao-no-exame-da-oab-por-usar-veu.htm>>. Acesso em: 25 maio 2015.